

Redecomep começa a funcionar em caráter experimental no *campus*

Com os primeiros testes realizados em 4 de novembro, a UERJ está a um passo de ser a primeira instituição no estado do Rio de Janeiro a ter a Redecomep (Redes Comunitárias de Educação e Pesquisa) ativada. Ainda em caráter experimental, a conexão de 1 Gigabites por segundo, que equivale a 1.000 megabits por segundo, está disponível para os usuários do *campus* Maracanã, em substituição à capacidade anterior de 210 Mbps. Projeto viabilizado pelo governo do estado através da Faperj, junto com a Rede Rio e a Rede Nacional de Pesquisa, a Redecomep está presente hoje em 17 cidades ligadas por redes de fibra ótica, que contribuem para elevar a capacidade de conexão de instituições de pesquisa e de ensino. > [Página 4](#)

Quase 2 mil trabalhos no UERJ sem Muros 2012



Em 2012 a 23ª edição do UERJ sem Muros reuniu 627 trabalhos da área de graduação, 875 de pós-graduação e pesquisa e 445 de extensão e cultura produzidos por estudantes dos vários cursos da Universidade. O público que circulou pela feira de prestação de serviços, projetos culturais e oficinas também pôde visitar exposições de pôsteres e assistir experimentos no Espaço Ciência. Demian Lamblet Pinto, estudante do quarto ano da Escola Superior de Desenho Industrial (EsdI), foi o autor da nova marca depois de vencer o Concurso de Conceito Gráfico UERJ sem Muros com o projeto intitulado *Off the wall*.

> [Página 5](#)

Universidade participa do Plano Estratégico de Fronteiras



Uma equipe de profissionais que incluiu o presidente e a pedagoga da Associação Brasileira de Alcoolismo e Drogas (Abrad), Jorge Jaber e Ângela Hollanda, e a professora Sylvia Cibreiros, da Faculdade de Enfermagem da UERJ, participou em agosto de uma operação da Força Aérea Brasileira (FAB) na fronteira sul do País. A proposta da ação é desenvolver um trabalho de tratamento e prevenção ao uso de drogas. A professora da Enfermagem participou como especialista em prevenção e promoção da saúde de crianças e adolescentes

> [Página 6](#)

Embarcação multiuso

Protótipo apresenta embarcação projetada pela Oceanografia que servirá a pesquisadores das várias áreas que estudam o litoral do estado do Rio de Janeiro.

> [Página 2](#)

Para a melhoria da qualidade de vida

Os Indicadores de Inovação, Prospecção, Trabalho e Renda desenvolvidos pelo Departamento de Inovação, vinculado à Sub-reitoria de Pós-graduação e Pesquisa foi a ferramenta de avaliação e estudo aplicada em comunidade do Complexo da Maré. A metodologia pretende contribuir com ações inovadoras que resultem em novos postos de trabalho e na geração de renda.

> [Páginas 8 e 9](#)



Lixo que é Luxo

UERJ e UFRJ desenvolvem trabalho em parceria no Programa Rio Capital da Energia, iniciativa da Secretaria de Estado de Desenvolvimento Econômico, Energia, Indústria e Serviços (SEDEIS).

> [Página 12](#)

> EDITORIAL

Pesquisa e Sociedade

Pesquisas desenvolvidas na Universidade, com significado evidente para a comunidade e que trazem retorno em curto e médio prazo para a sociedade, são abordadas neste último número de 2012 do *UERJ em Questão*. Uma delas, tema das páginas centrais, apresenta a metodologia desenvolvida pelo projeto “Indicadores de Inovação, Prospecção, Trabalho e Renda”, ou IPTR, que completou o primeiro estudo de caso na comunidade do Timbau, localizada no Complexo da Maré. O objetivo da pesquisa foi contribuir diretamente para a melhoria da qualidade de vida dos seus moradores e nortear intervenções por meio de ações inovadoras que resultem na geração de emprego e renda para aquela comunidade. Outra matéria mostra uma das pesquisas em desenvolvimento no Instituto de Estudos Sociais e Políticos (Iesp/UERJ), sobre “Juventude, desigualdade e o futuro do Rio de Janeiro”: ao verificar a situação de jovens brasileiros em todas as regiões brasileiras, a investigação revelou que cerca de um quinto do total não estuda nem trabalha (a chamada *geração nem-nem*). De acordo com os dados levantados pela equipe de pesquisadores, esse é um problema crônico há pelo menos três gerações, conforme evidenciam registros dos censos nacionais realizado pelo IBGE nas últimas três décadas, que ajudam a mostrar ainda que esta condição está associada a questões de gênero, cor, classe social e região. A integração da UERJ às Redes Comunitárias de Educação e Pesquisa (Redecomep), em operacionalização pela Diretoria de Informática (Dinfo), sob a condução da Vice-reitoria, é outro texto de destaque e de importância para todos os usuários da internet no *campus*, porque aumenta a capacidade de transmissão (e tráfego) de volume de dados.

Em relação à participação de professores e alunos da Universidade em atividades intra e extra *campi*, faz parte desta edição uma matéria sobre o trabalho conjunto da Força Aérea Brasileira (FAB), da Associação Brasileira de Alcoolismo e Drogas (Abrad) e da Faculdade de Enfermagem da UERJ, em uma operação na fronteira sul do país, na chamada Operação Ágata 5, de orientação e repressão ao uso de drogas. A universidade esteve presente por meio do projeto de extensão da UERJ *Saúde é Brincadeira*, desenvolvido pela professora Sílvia Cibreiros. Como exemplo de atuação interna, podem ser citados o trabalho desenvolvido no Instituto de Letras pelo Núcleo de Pesquisa e Ensino de Português como Língua Estrangeira e Segunda Língua (Nupples), que oferece atividades de ensino e formação em Português para estrangeiros graduandos e pós-graduandos em Letras, e o projeto desenvolvido em conjunto por equipes da UERJ e da UFRJ no âmbito do Programa Rio Capital da Energia, intitulado *Lixo que é Luxo*, que mostra detalhes da pesquisa que transforma a fração orgânica dos resíduos sólidos urbanos da cidade do Rio em energia renovável.

Na cobertura de eventos realizados no *campus*, este número do *Em Questão* destaca a 23ª edição do UERJ sem Muros, que reuniu durante uma semana bolsistas que apresentaram 1.947 relatórios de participação em projetos de ensino, pesquisa, extensão e cultura para um público de cerca de dez mil pessoas; a conferência *30 anos de Aids: os desafios políticos da epidemia no Brasil e no mundo*, feita pelo professor Richard Parker, da Universidade de Columbia em Nova York e professor visitante do Instituto de Medicina Social; a participação da Editora (EdUERJ) na Feira do Livro de Frankfurt em 2012, considerado o maior e mais importante evento mundial do setor editorial; e o IV Colóquio Internacional Escrita e Psicanálise, que recebeu pesquisadores de pós-graduação do Brasil e da França, membros da rede de pesquisa Escritas da Experiência, para debaterem estudos contemporâneos em psicanálise. Desejos de uma boa leitura!

UERJ é primeira universidade do estado a construir embarcação para pesquisa

O Congresso Brasileiro de Oceanografia em 2012, que aconteceu no Centro de Convenções Sul América entre os dias 13 e 16 de novembro, contou com a exposição do mais novo projeto em desenvolvimento na UERJ: uma embarcação própria para pesquisas e trabalhos universitários. Com financiamento da Faperj, da FINEP e da própria Universidade, o protótipo idealizado pela Faculdade de Oceanografia que ficou exposto durante os dias do Congresso é uma miniatura da embarcação que começa a ser construída no início de 2013.

Com 27 metros de comprimento e 8 metros de largura, a embarcação terá capacidade de transportar até 30 pessoas em alto-mar, com 15 acomodações para pernoite para



os pesquisadores e cinco para tripulação. Também terá dois laboratórios (úmido e seco), guinchos para lançamento e recolhimento de equipamentos, ampla área de convés, adaptável para multiuso.

“A embarcação foi projetada pela Oceanografia, mas também servirá para pesquisadores de outras áreas da UERJ, como Biologia, Saúde e Geologia. Foi concebido

exatamente com esse perfil multiusuário”, explica Marcos Bastos, professor da Oceanografia e diretor do Centro de Estudos Ambientais e Desenvolvimento Sustentável, que fica na Ilha Grande. A previsão é de que seja lançada para teste de mar no final de 2013; quando estiver pronta irá navegar em toda a costa do estado do Rio de Janeiro.

Anuário do Instituto Martius-Staden traz artigos sobre fundadores da Esdi

Dois professores da Escola Superior de Desenho Industrial da UERJ, João de Souza Leite e Pedro Luiz Pereira de Souza, assinam artigos na edição 2012 do *Martius Staden Jahrbuch*, anuário publicado desde 1953 pelo Instituto Martius-Staden de Ciências, Letras e Intercâmbio Cultural Brasileiro-Alemão, que se dirige ao leitor de língua alemã e tem como objetivo oferecer uma visão do Brasil. Ao longo dos anos o anuário manteve a característica de ser publicado em alemão, mas recentemente passou a incluir textos originais em português como forma de ampliar o seu alcance junto ao público brasileiro. Com o acesso facilitado a publicações universitárias e científicas, o *Martius Staden Jahrbuch* está entre as principais

publicações sobre a pesquisa latino-americana.

Nesta edição do anuário, os professores da Esdi escrevem sobre dois fundadores da Escola: Alexandre Wollner e Karl Heinz Bergmiller. João de Souza Leite é autor do artigo “Em diálogo com o ideal modernista: Alexandre Wollner, a Hochschule Für Gestaltung Ulm e o design no Brasil”, no qual faz uma análise crítica do trabalho de Wollner, brasileiro natural de São Paulo com trabalhos na área de programação visual. Pedro Luiz de Souza assina o artigo “Karl Heinz Bergmiller, uma contribuição para o design moderno brasileiro”, no qual trabalha o conceito de moderno ao abordar a produção do designer. Imigrante que chegou no Brasil

na década de 1950, Bergmiller trabalhou em projetos de produtos industriais e é considerado um dos nomes mais influentes do design nacional. Os dois designers apresentam em comum o fato de terem se inspirado na escola alemã Hochschule Für Gestaltung Ulm (HfG-Ulm), que exerceu grande influência na definição de conceitos pedagógicos para o design em todo o mundo e, especialmente no Brasil, por meio da Esdi. Além dos textos sobre Wollner e Bergmiller, a capa do anuário definida pelo designer Goebel Weyne, outro professor fundador da Escola, traz um desenho do prédio da Escola ilustrado por Luiz Arbex, (formado pela Esdi em 2003), e uma projeção axonométrica do prédio da HfG-Ulm.



Reitor: Ricardo Vieirals Vice-Reitor: Paulo Roberto Volpato

Diretoria de Comunicação Social • Direção: Sonia Virgínia Moreira UERJ em Questão – Edição de texto: Sonia Virgínia Moreira Pauta e redação: Graça Louzada Reportagem: Andréia Rêgo,

Fausto Jr., Janaína Soares, Mayana Garcia e Ricardo Nicolay Estagiário: Daniel Alves e Rayssa Dias Fotos: Thiago Facina Projeto Gráfico e Editoração: Rafael Bezerra

Tiragem: 10.000 exemplares Impressão: Infoglobo • Contatos: 21 2334-0638 e comuns@uerj.br

The typeface Ingleby is designed by David Engelby and is available at dafont.com. David Engelby has the creative, intellectual ownership of the original design of Ingleby

Especialista avalia três décadas da AIDS no Brasil e no mundo

Richard Parker, professor titular de Ciências Sociomédicas e de Antropologia da Universidade de Columbia em Nova York e professor visitante do Instituto de Medicina Social (IMS) da UERJ, esteve no *campus* em outubro para fazer a conferência *30 anos de AIDS: os desafios políticos da epidemia no Brasil e no mundo*. Na sua trajetória acadêmica, Richard Parker se dedicou à investigação da construção social e cultural de gênero e sexualidade, das dimensões sociais do HIV / AIDS e da relação entre desigualdade social, saúde e a doença. Entre os seus livros estão *Corpos, prazeres e paixões: cultura sexual no Brasil contemporâneo* (1991); *Na contramão da AIDS: sexualidade, intervenção e política* (2000); e *Abaixo do Equador: culturas do desejo, homossexualidade masculina e comunidade gay no Brasil* (2002). Atualmente ele dirige o Centro de Gênero, Sexualidade e Saúde na Escola de Saúde Pública da Universidade de Columbia.

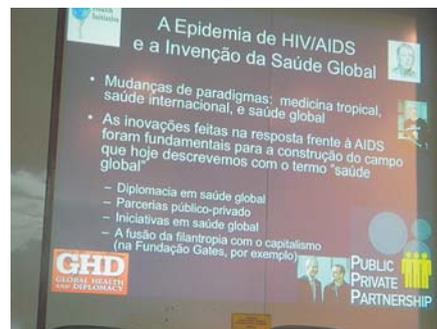
Parker começou a conferência dizendo que o seu objetivo ali era tentar entender as conexões das respostas frente à epidemia de AIDS no Brasil com as respostas em nível global, bem como apresentar um panorama das três décadas da doença – desde o registro do primeiro caso na Califórnia em 1981 e as ideias para os primeiros anos da quarta década que se inicia agora. No Brasil, o vírus apareceu pela primeira vez em 1982 na cidade de São Paulo. Apresentando a história social da epidemia no mundo, o professor Parker classificou as fases da doença em quatro “ondas” temporais que, mesmo não sendo exatas, representam a evolução da AIDS.

A primeira das ondas, entre 1981 e 1991, foi caracterizada como a década do sofrimento e da solidariedade; da crise e da resistência. Surgiu como uma resposta de amigos e familiares dos portadores do vírus que viviam o contexto ainda assustador de uma doença desconhecida, sem tratamento e sem previsão de cura. A epidemia afetou homens homossexuais e posteriormente foi transferida para outros grupos. Parker destaca que “a construção do imaginário da doença surge neste período, no qual ela estava diretamente ligada à homossexualidade, mesmo em locais onde a epidemia era transmitida fundamentalmente via relação heterossexual. Isso acabou construindo a ideia de epi-



RICARDO NICOLAY

Professor Richard Parker e trechos da sua conferência



mia simbólica, que colocou o estigma da homossexualidade como uma questão central, para mobilizar a sociedade”. Quatro características podem ser destacadas na primeira década: o surgimento de casas de apoio a soropositivos; a construção da solidariedade, que aponta a cura do vírus ideológico; o sexo seguro e a mobilização da sociedade civil. O Brasil foi pioneiro a partir do ativismo e da mobilização social de Herbert Daniel, o Betinho. Naquela década foi reforçado o sexo seguro, com o uso da camisinha nas comunidades homossexuais, o que se tornou a única maneira de desacelerar a evolução da epidemia. No mesmo período houve a mobilização da sociedade que, estimulada pelo ativismo cultural e pela falta de qualquer ação governamental, colocou as pessoas nas ruas para fortalecer o movimento de mudanças para o enfrentamento da AIDS.

A segunda onda, entre 1991 e 2001, foi marcada pela luta por tratamento. Em 1996, no Congresso Internacional sobre a AIDS realizado em Vancouver, no Canadá, apareceria a primeira resposta biomédica para a doença, com o uso de antirretrovirais. No Brasil, a reformulação do Ministério da Saúde pós-*impeachment* do presidente Collor deu início ao diálogo com o governo federal sobre a epidemia. Foi instituído um programa que incorporava os preceitos de solidariedade, tendo como centro os direitos humanos. Por isso, a segunda onda é considerada a ‘década de ouro’ para as políticas de AIDS no país. No mesmo período começou o movimento para o acesso a medicamentos como um direito de todos, que ganhou grandes proporções e passou a ser articulado internacionalmente. No final da década, congressos e conferên-

cias internacionais tinham no acesso aos medicamentos o tema central de suas apresentações. Richard Parker registra que o Brasil teve destaque internacional ao apresentar um programa de acesso a medicamentos capazes de conter a epidemia.

A terceira onda, entre 2001 e 2011, se caracterizou pela movimentação internacional em relação à epidemia, que incluiu a convocação feita por Kofi Annan, secretário geral da Organização das Nações Unidas (ONU), para debater a criação de um fundo global como resposta à AIDS. O Brasil se fortaleceu nos debates sobre o enfrentamento da epidemia com o apoio de autoridades estratégicas favoráveis às ações propostas pelo país.

A quarta onda, 30 anos depois do aparecimento da epidemia em 1982, mostra alguns sinais de retrocesso no Brasil: fontes oficiais asseguram que a epidemia está estabilizada, mas segundo o professor, “a doença continua a se espalhar pelo Brasil e pelo mundo”. Ele argumenta que ainda há muito a ser feito: “sabemos o que é preciso em termos técnicos, mas precisamos saber se teremos vontade política para enfrentar este desafio”. A crise econômica que afeta os Estados Unidos e a Europa escasseou os investimentos, que estão saindo das agendas de políticas públicas dos governos preocupados em reerguer as suas economias. Por isso, o professor reforça que “há necessidade urgente de monitoramento independente e crítico das políticas de resposta frente à epidemia”, pois “agora, mais do que nunca, é fundamental a participação da sociedade na resposta à epidemia”.

O professor Kenneth Camargo Jr, do departamento de Política, Planejamento e Administração em Saúde do IMS coordenou o evento. Para ele, “a conferência foi uma oportunidade extraordinária para o Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva do IMS, que tem assim uma chance de visibilidade internacional”.

A conferência integra o programa Ciência Sem Fronteiras, articulado pelo Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI) e pelo Ministério da Educação (MEC) por meio das suas respectivas agências de fomento: CNPq, Capes e as secretarias de Ensino Superior e de Ensino Tecnológico do MEC.

Redecomep já está ativada no *campus* Maracanã

UERJ começa o processo de integração às Redes Comunitárias de Educação e Pesquisa

Alinhado ao momento atual de efervescência de atividades em desenvolvimento na Universidade, o campo da produção de conhecimento e de pesquisa científica se destaca dentro e fora dos muros da UERJ. Tal situação é favorecida pelo momento nacional, com o país empenhado em se firmar no âmbito da inovação. Leis federais, como a de Inovação Tecnológica, e o surgimento de novas políticas universitárias, entre as quais a criação do InovUERJ, contribuem para os avanços nas diversas áreas de conhecimento que hoje contam com maiores recursos, facilitadores da produção científica.

A instalação na UERJ da Redecomep (Redes Comunitárias de Educação e Pesquisa), operacionalizada pela Diretoria de Informática (Dinfo), tem como propósito facilitar o trabalho dos pesquisadores em tempo e na transmissão de volume dados. Com os primeiros testes realizados em 4 de novembro, o funcionamento pleno da Rede está um passo mais próximo da sua conclusão. A UERJ é a primeira instituição no estado do Rio de Janeiro a ter a Redecomep ativada. Ainda em caráter experimental, a conexão de 1 Gigabites por segundo (que equivale a 1.000 megabits por segundo) está disponível para os usuários do *campus* Maracanã, em substituição à capacidade anterior de 210 Mbps.

A diretora da Dinfo, professora Lúcia Oliveira, esclarece que por se tratar de um processo em estágio inicial, a rede de 210 Mbps continua em atividade na condição de contingente: “Se falhar o link de 1Gbps a Dinfo aciona o de 210 Mbps. Até o momento não houve problemas, mas como somos os primeiros ativados na Redecomep pode ser que encontrem algo que tenha de ser feito”. Ela diz que os internautas no *campus* já podem sentir diferença da velocidade em horários de grande utilização, com as redes deixando de ficar congestionadas nesses períodos. Um recurso em estudo no Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas (CBPF) prevê a automatização da mudança de link em caso de falhas. O analista de rede e professor do Instituto de Matemática e Estatística,



Ronaldo Gismondi, assessor da Vice-reitoria; Paulo Sérgio de Amaral, diretor do departamento de infraestrutura e tecnologia da Dinfo; Lúcia Oliveira, diretora da Dinfo e Paulo Roberto Volpato, vice-reitor, no lançamento da UERJ como ponto de presença na Redecomep

Alexandre Sztajnberg, explica que hoje, se a conexão da Redecomep cair, a conexão de contingência (de 210 Mbps) que irá substituí-la precisa ser acionada manualmente. O recurso em estudo no CBPF permite a ativação automática, fazendo com que a navegação na internet não seja interrompida por muito tempo.

Esta é a primeira fase do processo de inserção institucional na Redecomep, embora a Universidade já esteja caracterizada como um ponto de presença (PoP), ou seja: como distribuidora de conexão para outras instituições. A consolidação dessa função depende agora da substituição dos equipamentos provisórios, usados na experimentação, por recursos

definitivos; da instalação de um corpo profissional responsável pela manutenção das redes de fibra ótica, a cargo da própria UERJ, e da alocação de aparelhagem adequada em locais que receberão a internet distribuída a partir do *campus* Maracanã. Segundo Paulo Amaral, do departamento de infraestrutura e tecnologia da Dinfo, a Policlínica Piquet Carneiro será a primeira unidade da UERJ a ser conectada à Redecomep. As unidades em outros *campi*, como o *campus* regional Resende e o Centro de Estudos Ambientais e Desenvolvimento Sustentável (CEADS) em Ilha Grande, não poderão ser atendidas porque a Rede só atua em capitais e regiões metropolitanas.

A Rede

Projeto viabilizado pelo governo estadual através da Faperj, junto com a Rede Rio e a Rede Nacional de Pesquisa, a Redecomep está presente hoje em 17 cidades. A ideia é utilizar redes de fibra ótica instaladas por empresas de telefonia pré-privatização, que ficaram em desuso, e assim elevar a capacidade de conexão de instituições de pesquisa e ensino. Na UERJ, a proposta é o aumento da conexão em até 10 Gbps: “Esse alargamento da banda unido ao aumento da velocidade possibilita instalar aplicações de vídeo e de interatividade que expandem as possibilidades de realização dentro e fora da universidade”, diz o professor Ronaldo Gismondi, assessor da Vice-reitoria.

A expansão das possibilidades é importante para que todos os setores produtivos da UERJ atinjam um novo patamar no setor de inovação e pesquisa. Entre os benefícios que serão alcançados em futuro próximo, a Vice-reitoria aponta como exemplos: a maior eficácia na interatividade com qualquer ponto ou lugar no mundo, o que permitirá a realização de *web* conferências sem falhas de conexão, a melhoria no sistema de educação a distância e a facilidade de recepção de arquivos pesados no contato com as principais instituições de ensino do mundo. A capacidade aumentada de transferência de dados é um alento tanto para a obtenção de imagens médicas, imprescindíveis para a área da saúde, como para os estudos de Física de altas energias. Ficará mais fácil, também, a elaboração e a instalação de aplicativos, a criação e o uso de mapas geográficos complexos, as pesquisas em climatologia etc. Ainda levará algum tempo para que todas as possibilidades se concretizem: além das etapas previstas para a conclusão do projeto de operação plena da Redecomep na UERJ, nem todos os computadores conectados à Rede conseguem hoje aproveitar a velocidade total de 10 Gbps disponibilizados. Para o andamento dos experimentos, porém, a marca de 1 Gbps se apresenta como um futuro promissor bastante próximo.

Dez mil pessoas circularam durante o UERJ sem Muros em 2012

Quase dois mil trabalhos (1.947 relatórios de projetos de ensino, pesquisa, extensão e cultura) desenvolvidos por alunos da Universidade em 2011 foram apresentados na 23ª edição do UERJ sem Muros para um público de dez mil pessoas que visitou o *campus* Maracanã na primeira semana de outubro. As apresentações ficaram assim distribuídas: 627 da área de graduação, 875 de pós-graduação e pesquisa e 445 de extensão e cultura. O público que circulou pela feira de prestação de serviços, projetos culturais e oficinas também pôde visitar exposições de pôsteres, assistir apresentações orais e ver experimentos no Espaço Ciência. Como todos os anos, o UERJ sem Muros reuniu a 12ª Semana de Graduação (coordenada pela SR1), a 21ª Semana de Iniciação Científica (promovida pela SR2), a 16ª Mostra de Extensão, a 23ª Feira de Prestação de Serviço e o 9º Espaço Ciência (sob responsabilidade da SR3).

Uma das novidades em 2012 foi a utilização da logomarca escolhida por uma comissão julgadora por meio do Concurso de Conceito Gráfico UERJ sem Muros. Onze projetos de alunos da Escola Superior de Desenho Industrial (Esdi/UERJ) participaram do edital que definiu a nova marca, que também será utilizada nas próximas três edições do evento. Demian Lamblet Pinto, estudante do quarto ano, foi o vencedor com o projeto intitulado *Off the wall*.

Na área cultural, destacou-se a apresentação teatral e musical de alunos do Centro de Referência da Juventude (CRJ) da Secretaria de Estado Assistência Social e Direitos Humanos, que mantém parceria com a Universidade. Os estudantes da UERJ trabalham como estagiários nos centros, que oferecem gratuitamente atividades educativas, esportivas e culturais, além de capacitação profissional aos jovens das comunidades de baixa renda. Participaram este ano os centros do Jacarezinho, da Providência e de Nova Iguaçu. A Universidade Aberta da Terceira Idade, classificada como programa de referência pela Organização das Nações Unidas (ONU), fez apresentações de dança e teatro. Como em todas as edições do evento os trabalhos de alunos bolsistas, desenvolvidos ao longo do ano anterior, foram apresentados nas exposições orais



ou exibidos na forma de pôsteres. Para Nádia Pimenta, diretora do Departamento de Extensão (Depext/SR3), esse é um momento importante do evento porque resulta de um aprendizado: “Às vezes, os alunos trabalham com professores que orientam vários bolsistas e dividem o projeto em extensão ou iniciação científica, por exemplo. Mas na hora da apresentação dos pôsteres os bolsistas conseguem ter uma visão geral de todo o trabalho”. É o que confirma o aluno do 10º período da Faculdade de Ciências Médicas, Bernardo Lucas. Participando pela segunda vez, o estudante diz que o UERJ sem Muros é uma oportunidade para aprender e praticar a apresentação de projetos: “É uma experiência boa porque nos dá segurança na apresentação dos trabalhos e nos prepara para congressos, por exemplo. É um momento importante para divulgar o projeto e debater o que estudamos, sem falar no *feedback* imediato com a avaliação do professor”.

No Espaço Ciência os alunos das escolas de ensino fundamental e médio puderam presenciar experimentos e participar de oficinas nas áreas de educação, matemática, física, oceanografia, geologia, biologia, arqueologia e meio ambiente. Estiveram no evento 31 escolas públicas dos municípios do Rio de Janeiro, de Duque de

Caxias e de Queimados. Gestor de projetos educacionais do CIEP Ministro Gustavo Capanema, Márcio Garcia trouxe alunos do quinto ano para o Espaço Ciência: “O UERJ sem Muros contribui para a formação da cidadania, porque os alunos experimentam o conhecimento de forma diferenciada dos padrões da escola. Aqui eles têm a possibilidade de testemunhar a utilização do conhecimento, começam a questionar, o que desperta o interesse em estudar em uma universidade”. Vitória Moraes, aluna do CIEP Ministro Gustavo Capanema, disse ter se encantado com a visita: “Nunca tinha visto uma estrela do mar de perto, só na televisão. Quero voltar todos os anos”.

A assessora acadêmica da SR1, Ondina Meleiro, anunciou que “para as próximas edições queremos ampliar a visitação de escolas do ensino médio e da própria comunidade externa para conhecer o que a Universidade produz e oferece”. A visitação das escolas também é citada como ponto forte do evento pela diretora do Depext: “O que verificamos de diferente nesta edição é que, além dos alunos das escolas programadas, recebemos também estudantes que vieram por conta própria, como do Cefet, por exemplo. Cada vez mais crianças e escolas estão visitando a Universidade nesse período”.

Para Ana Claudia Damit, coordenadora do Programa de Capacitação de Recursos Humanos da Sub-Reitoria de Pós-graduação e Pesquisa, na área de iniciação à ciência o destaque está na maior aproximação da Universidade tanto por parte dos alunos da graduação quanto do ensino médio.

Os melhores trabalhos da 23ª edição do UERJ sem Muros foram premiados em cerimônia conjunta organizada pelas três sub-reitorias no dia 14 de novembro, na Capela Ecumênica. O Reitor Ricardo Vieiralves abriu a cerimônia enfatizando que a UERJ é um exemplo de inclusão ao adotar há dez anos o sistema de cotas: “Representamos uma experiência educacional e um processo pedagógico bem sucedido. Na nossa Universidade o mérito se estabelece por trabalho e talento e não por cor ou origem social”. O Reitor também parabenizou os alunos premiados dizendo que “todos tiveram trabalho, curiosidade, amor e coragem, por isso merecem parabéns”.

A SR1 selecionou 14 trabalhos que receberam o III Prêmio de Graduação Fernando Sgarbi Lima dentre os 80 projetos inscritos nas modalidades: estágio interno complementar, iniciação à docência, monitoria, programa de educação tutorial (PET), projeto final de curso e inserção em práticas acadêmicas – os dois últimos novidades deste ano. A SR3 entregou cinco prêmios e dez menções honrosas no III Prêmio Maria Theresinha do Prado Valladares. O prêmio da SR2 a cada ano recebe o nome de um professor de destaque. Em 2012, o homenageado foi Evanildo Bechara, professor emérito da UERJ e membro da Academia Brasileira de Letras (ABL). O professor participou da cerimônia e em seu discurso lembrou seus tempos de UERJ destacando a importância científica: “A ciência é uma grande fábrica do pensamento laborioso do ser humano. É ela que abre as portas para o progresso e para a felicidade de uma nação. Quando a ciência tem por trás de si uma universidade de competência, com corpo diretor de qualidade, os seus professores, os seus alunos em todos os quadrantes serão beneficiados”. Dos 177 trabalhos de iniciação científica inscritos, 24 receberam este ano o Prêmio de Iniciação à Ciência Evanildo Cavalcante Bechara.

Universidade participa de operação da Força Aérea na fronteira sul do Brasil

A professora Sylvia Cibreiros, da Faculdade de Enfermagem da UERJ, o presidente e a pedagoga da Associação Brasileira de Alcoolismo e Drogas (Abrad), Jorge Jaber e Ângela Hollanda, participaram em agosto da operação de repressão às drogas realizada pela Força Aérea Brasileira (FAB) e denominada Ágata 5. A ação nas regiões de fronteira no sul do país é parte do Plano Estratégico de Fronteiras, instituído pelo governo federal por meio do Decreto 7.496/11 para intensificar a fiscalização, o controle e a repressão de delitos transfronteiriços e de ilícitos praticados ao longo da fronteira seca brasileira.

Segundo o responsável pela operação Ágata 5, Major Bruno Pedra, essas ações fortalecem a presença do Estado nas regiões de fronteira e também a parceria com especialistas das áreas de saúde e de educação, que auxiliam no trabalho de prevenção ao consumo de drogas: “Enquanto a FAB defende o uso indevido do espaço aéreo brasileiro, também propicia a chegada do conhecimento na forma de prevenção às drogas”.

A equipe de profissionais que atuou pela primeira vez nesse tipo de operação organizou atividades de capacitação com os gestores das áreas de saúde e de educação nas cidades de Londrina (PR), Porto Alegre (RS) e Chuí (RS). “A Abrad trata o paciente e sua família ao abordar questões relacionadas ao tratamento e à prevenção ao uso de drogas. O presidente da associação, Dr. Jorge Jaber, fez o convite para que eu integrasse o grupo com a missão de desenvolver um trabalho de abordagem do tema junto às crianças”, conta a professora Sylvia, especialista em prevenção e promoção da saúde de crianças e adolescentes.

Em Porto Alegre a equipe esteve no Lar Esperança, situado em área violenta da capital gaúcha. Ali debateram com profissionais da própria comunidade, psicólogos e pessoas que cuidavam das crianças como deveria ser o tratamento desse assunto com elas. O tipo de abordagem utilizada, explica a professora da UERJ, não falava diretamente sobre drogas, mas sobre saúde. As atividades lúdicas com as crianças e adolescentes do Lar Esperança foram basicamente sobre a importância dos alimentos para um corpo saudável e



Equipe formada por integrantes da FAB, da Abrad e da UERJ chega a um dos pontos de fronteira para realizar oficinas que explicam às crianças o valor da saúde e os males causados pelas drogas



como a droga é prejudicial ao bem-estar de cada um. No Chuí, a preocupação envolveu a possível descriminalização da maconha no Uruguai, onde apenas uma avenida separa a cidade brasileira da uruguaia Chuy. O projeto de lei que aguarda a votação do Parlamento pode resultar em transtornos para o lado brasileiro da fronteira: “No Brasil é proibido consumir a droga, mas se atravessarem a avenida as pessoas poderão fazer isso naturalmente, sem repressão. Isso vai ser um problema local e internacional”, diz Sylvia. Ela defende que educação e orientação são os melhores meios para transformar a mentalidade das pessoas e formar a consciência das crianças em relação à saúde. “Na questão da dependência química é importante tratar o usuário, apoiar a família,

mas também é preciso cuidar das futuras gerações. Na operação da FAB pude dar orientações sobre o trabalho de educação infantil. Se conseguirmos fazer com que as crianças entendam o valor da saúde e os males causados pelas drogas, elas provavelmente não serão consumidoras quando crescerem. Se não há consumidor, a tendência é acabar o tráfico”, argumenta. A inclusão dos especialistas na operação Ágata 5 levou o nome de Ação Cívico-Social Cultural: “Acreditamos que é transmitindo conhecimento que podemos modificar valores e cultura,” justifica o Major Pedra.

Brincando de saúde

O convite para participar da Operação foi feito pela Abrad à professora

Sylvia Cibreiros em reconhecimento ao projeto que ela desenvolve com linguagem para crianças. Com o nome *Saúde é Brincadeira*, a proposta do projeto de extensão coordenado pela professora de Enfermagem é conscientizar as crianças sobre temas da saúde. Em busca da melhor forma de orientar e educar o público infantil, a professora pesquisou o uso de atividades lúdicas para alcançar objetivos e concluiu que o ato de brincar “envolve uma complexidade muito maior na infância, quando é uma forma de comunicação”.

O tema da dissertação de mestrado de Sylvia foi um estudo sobre como crianças que iriam passar por cirurgias consideravam o procedimento. “Trabalhei com crianças usando brinquedos feitos com sucatas hospitalares ou brinquedos parecidos com instrumentos médicos, uma técnica chamada brinquedo terapêutico. Geralmente é por meio desse recurso que a criança começa a dizer o que sente sobre a hospitalização”, explica a professora. No doutorado, Sylvia utilizou técnicas de dramatização para ensinar as crianças: “Um interpretava o papel de médico, outro de enfermeiro, outro de paciente e assim começavam a dizer tudo que sentiam e experimentavam durante o período de hospitalização. Isso confirmou que o ato de brincar é uma linguagem, uma forma de comunicação importante da criança que deve ser valorizada”.

Atualmente, uma bolsista e 12 voluntários de diferentes períodos do curso de Enfermagem trabalham com a professora no desenvolvimento de técnicas na brinquedoteca do ambulatório de pediatria do Hospital Universitário Pedro Ernesto. Ali, a atenção das crianças é atraída por jogos e esquetes teatrais, fantoches mostram como evitar o piolho e o jogo dos sete erros ensina a prevenir a dengue, entre outras brincadeiras. Há jogos específicos para cada faixa etária e ao fim de cada brincadeira as crianças contam o que aprenderam.

Com isso a arte lúdica opera como forma de conscientização, com os temas relacionados à saúde sempre abordados por meio de brincadeiras nesse projeto de extensão que tem mostrado resultados importantes e valiosos.

EdUERJ marca presença na Feira do Livro de Frankfurt

A Editora da UERJ esteve presente em outubro na edição de 2012 da Feira do Livro de Frankfurt, considerado o maior evento mundial do setor editorial. O editor executivo Italo Moriconi representou a Universidade pela terceira vez na Feira, um encontro que ocorre todos os anos desde 1949 e atrai mais de 7 mil expositores e 200 mil visitantes de vários países. O professor também representou a EdUERJ junto à Associação Brasileira das Editoras Universitárias (Abeu), que tem interesse em comprar direitos autorais de livros universitários para publicação no Brasil e também em entrar no mercado internacional com a produção universitária brasileira. Durante a Feira, ele assinou contrato com a Stanford University Press para tradução e publicação, pela Editora, de um livro sobre a modernidade em Barcelona.

Cinco títulos da EdUERJ foram selecionados para exposição no estande da ABEU: *Rio Babel – a história das línguas na Amazônia*, de José Ribamar Bessa Freire; *Entre mulheres: a etnografia sobre relações homoeróticas femininas em segmentos médios urbanos na cidade de Porto Alegre*, de Nádia Elisa Meinerz; *Educação ambiental marinha e costeira no Brasil*, organizado por Alexandre de Gusmão Pedrini; *Futebol, jornalismo e ciências sociais: interações*, organizado por Ronaldo Helal, Hugo Lovisolo e Antonio Jorge Gonçalves Soares, e *Rio científico – inovação e memória*, volume organizado por Antonio Augusto Passos Videira.

Em cada edição da Feira um país é convidado a apre-



sentar sua produção literária. Depois da Nova Zelândia em 2012, o Brasil será o convidado de 2013 (a primeira vez havia sido em 1994). Italo Moriconi explica que quando um país é o convidado de honra é preciso que naquele ano já estejam no mercado livros traduzidos para o alemão: “Vários autores brasileiros foram traduzidos e teremos mais até 2013. Durante a Feira é importante que haja cerca de dez livros em alemão já circulando e outra dezena em processo de lançamento, porque a área editorial exige antecipação e planejamento”. Na Feira de 2012, a Fundação Biblioteca Nacional organizou palestras para divulgar o programa de apoio à tradução e publicação de autores brasileiros no exterior. Também foi lançada a revista *Machado de Assis – Literatura Brasileira em Tradução*, com textos de escritores brasileiros contemporâneos traduzidos para o inglês e o espanhol. Onze autores brasileiros estiveram em Frankfurt: Marina Colasanti, João Paulo Cuenca, Andréa del Fuego, Cuti, Milton Hatoum, Michel Laub, Patrícia Melo, Roger Mello, Alberto Mussa, Luiz Ruffato e Cristovão Tezza.

Os preparativos para a participação do Brasil na Feira do Livro de Frankfurt em 2013, agendada para 9 a 13 de outubro, já começaram. Os ministérios da Cultura e das Relações Exteriores assinaram em outubro uma portaria interministerial criando o comitê que irá coordenar a participação do país na Feira. A partir de março escritores brasileiros vão percorrer as principais feiras de livros e leituras públicas em várias cidades alemãs. O calendário cultural paralelo prevê exposições de arte brasileira com obras de grafiteiros (Galeria de Arte Schirn), designers (Museu de Artes Aplicadas), arquitetos (Museu de Arquitetura Alemã) e de Hélio Oiticica (Museu de Arte Moderna de Frankfurt). Para a abertura da Feira em 2013 estão programadas apresentações da Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo e do pianista Nelson Freire. Também serão homenageados diversos autores brasileiros, entre eles Oswald de Andrade, Bernardo Carvalho, Haroldo de Campos, Clarice Lispector, Guimarães Rosa, Hilda Hilst, Mário de Andrade, Raduan Nassar, João Cabral de Melo Neto e Manuel Bandeira.

Lançamentos da Editora

ENSAIOS DE HISTÓRIA DAS CIÊNCIAS NO BRASIL: DAS LUZES À NAÇÃO INDEPENDENTE

Lorelai Kury e Heloisa Gesteira (org.)

O livro reúne artigos de diversos pesquisadores que analisam as mudanças ocorridas entre a época pombalina e o reinado joanino na perspectiva da mudança da Corte e da Independência. Os autores apresentam suas

reflexões sobre as ciências e as técnicas no Brasil, em um balanço dos principais temas e abordagens presentes na vida acadêmica brasileira nessa área.



ESFERA PÚBLICA E SECULARISMO - ENSAIOS DE FILOSOFIA POLÍTICA

Luiz Bernardo Leite Araujo, Marcela Borges Martinez, Tais Silva Pereira (org.)

O volume apresenta reflexões filosóficas sobre desafios políticos fundamentais enfrentados por sociedades contemporâneas consideradas democráticas e pluralistas, que se organizam em regimes seculares. Trás um texto inédito em língua portuguesa de

Charles Taylor, considerado um dos mais importantes pensadores da filosofia moral e política da atualidade, e reúne ensaios originais sobre esfera pública e secularismo.



LÚCIO CARDOSO EM CORPO E ESCRITA

Beatriz Damasceno

Em homenagem ao centenário do escritor Lúcio Cardoso, Beatriz Damasceno reflete sobre escrita do corpo a partir da correlação dos “pós-escritos” de Lúcio, grafados nos cadernos terapêuticos e na prática da pintura depois do AVC que o acometeu em plena vitalidade

criadora. É uma reflexão inédita que busca aliar o conjunto da sua obra (composta por romances, diário e pinturas) ao que a autora denominou “escrita em detritos”.



IDEOLOGIA DO CAPITAL SOCIAL: ATRIBUINDO UMA “FACE MAIS HUMANA” AO CAPITAL

Vânia Cardoso da Motta

A obra examina o consenso em torno de uma nova voga desenvolvimentista, mesmo entre os governos que foram adeptos do neoliberalismo. Permite uma leitura da pedagogia do capital e

subsídia, dialeticamente, concepções alternativas que possibilitam um real universalismo.



INTERAÇÃO ENTRE EMPRESAS E INSTITUIÇÕES DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA: O CASO DO SISTEMA FARMACÊUTICO DE INOVAÇÃO BRASILEIRO

Julia Paranhos

A produção de conhecimento e o papel do Estado no setor farmacêutico nacional são os temas centrais deste livro. Retrata aspectos da importante questão da inovação e faz um perfil da si-

tuação em que se encontra esse setor industrial, importante para o desenvolvimento socioeconômico.



Metodologia desenvolvida na UERJ aux

Os Indicadores de Inovação, Prospecção, Trabalho e Renda (IPTR) foram desenvolvidos pelo Departamento de Inovação (InovUERJ) com a finalidade de levar à sociedade conhecimentos gerados na Universidade que resultem em melhoria da qualidade de vida das pessoas. Essa metodologia também pretende contribuir para a promoção de intervenções e ações inovadoras que resultem em novos postos de trabalho e na geração de renda. O projeto IPTR, coordenado pelos professores Marinilza Bruno de Carvalho e Antonio Carlos de Azevedo Ritto, do Departamento de Informática e Ciência da Computação do Instituto de Matemática e Estatística (IME), foi a ferramenta de avaliação e estudo aplicada na comunidade do Timbau, que integra o Complexo da Maré. O projeto busca o cumprimento da chamada “hélice tríplice”, na qual academia, governo e sociedade atuam em conjunto em busca de um futuro melhor para os cidadãos.

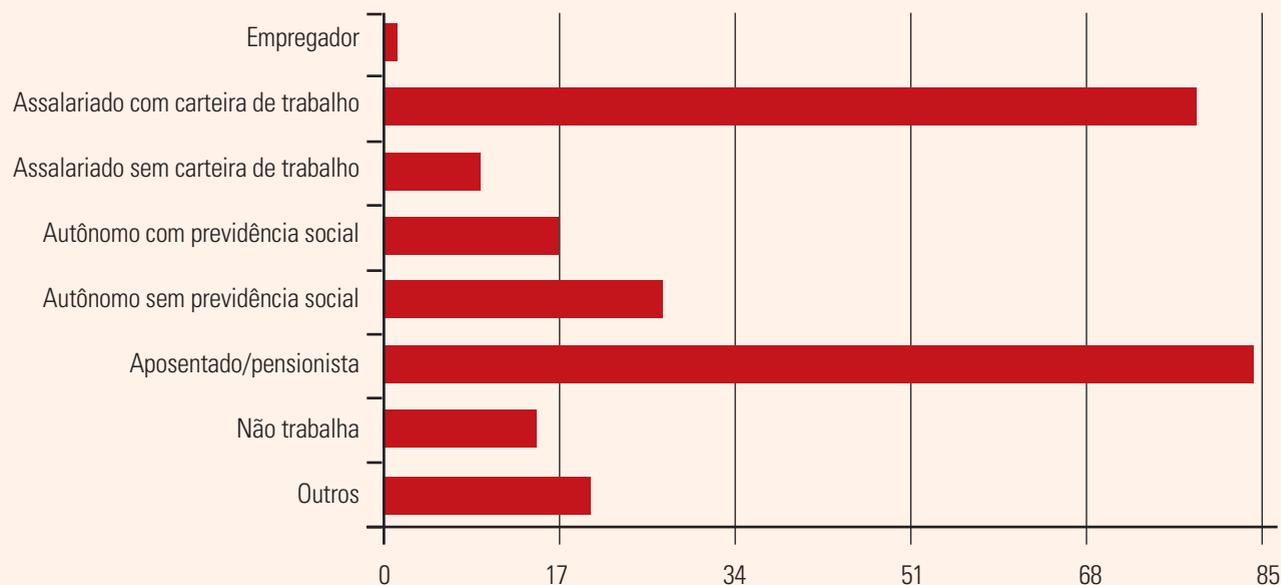
As informações para o estudo de caso foram colhidas entre setembro e dezembro de 2010. Na comunidade do Timbau, que tem cerca de 9.500 moradores, foram entrevistadas 250 famílias – ou aproximadamente 1.000 pessoas. Constataram da avaliação itens como moradia, trabalho e renda, transporte, comunicação e tecnologia, educação e habilidades, participação social e saúde.

Resultados

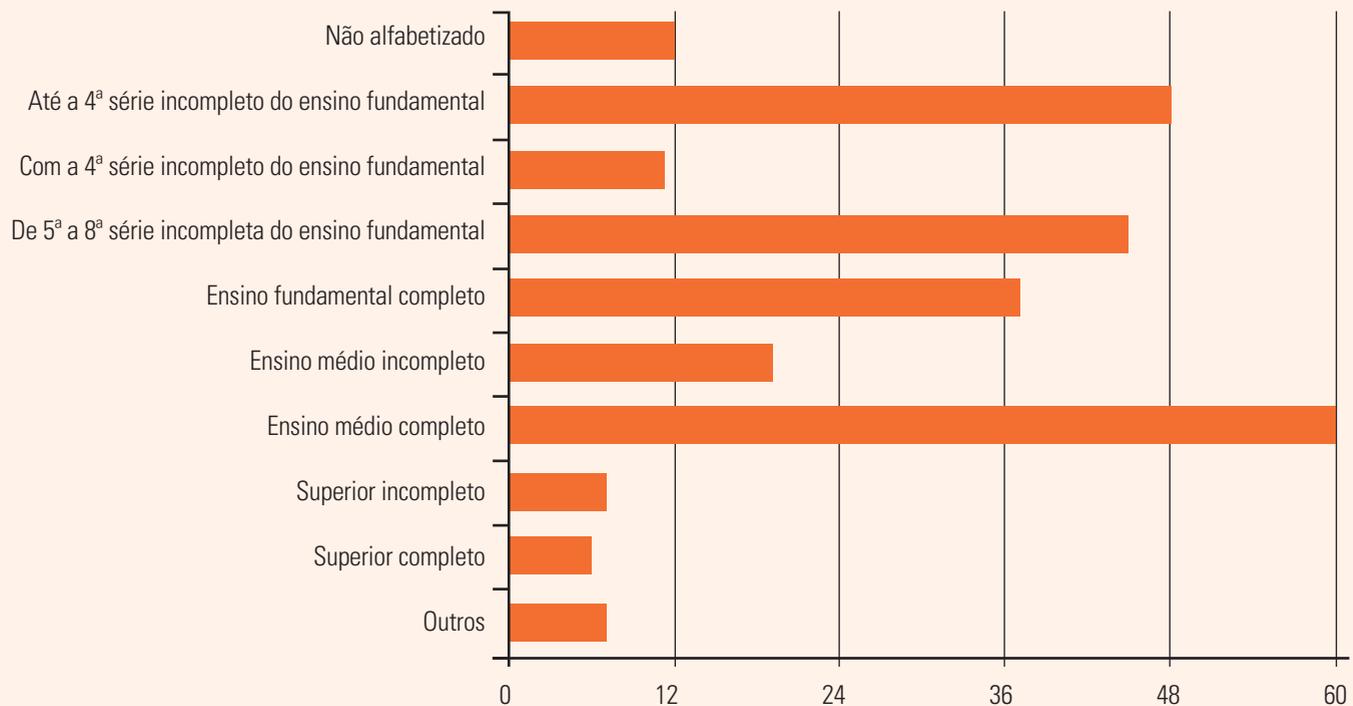
No quesito moradia, o levantamento mostrou que mais de 70% dos moradores entrevistados têm casa própria, com cobertura em laje e banheiro dentro de casa, têm fornecimento de água pela rede pública, utilizam água filtrada, têm iluminação com relógio próprio, têm coleta de lixo e correio em casa. O saneamento básico, considerado de regular para baixo, evidencia a falta de políticas públicas: 12% dos moradores têm tratamento de esgoto com fossa séptica e com fossa rudimentar.

No item trabalho, mais de 70% não têm negócio próprio. Um terço dos moradores tem carteira assinada, um terço é de aposentados, 14% estão desempregados e 2% são menores de idade. A

TRABALHO E RENDA | SITUAÇÃO NO MERCADO



EDUCAÇÃO E HABILIDADES | GRAU DE INSTRUÇÃO DO CHEFE DA FAMÍLIA



VOCAÇÕES IDENTIFICADAS

Vocação	Percentual de escolhas
Culinária	37%
Informática	33%
Construção civil	29%
Corte e costura	24%
Empregado doméstico	24%
Manicure	21%
Negócios	19%
Cabeleireiro	19%
Babá	18%
Língua Estrangeira	17%
Outros	157%

maioria dos trabalhadores autônomos não paga previdência. De acordo com o estudo, na comunidade do Timbau existe potencial de mão de obra a ser qualificada e não há política pública identificada para a capacitação de pessoas, sendo o projeto Avenida Brasil Digital (coordenado tecnicamente pela UERJ para levar a internet sem fio gratuita à via) considerado relevante para o trabalho e a renda. A análise apontou ainda que metade da população ganha entre R\$ 500 e R\$ 1 mil; um terço recebe entre R\$ 1 mil e R\$ 2 mil e 8% têm remuneração abaixo de R\$ 500.

Apesar de a comunidade estar localizada na Avenida Brasil, via de acesso ao Centro e de grande fluxo de veículos, a política de transporte para e dentro da região foi considerada crítica. Ônibus e transporte alternativo são os mais utilizados.

No quesito comunicação existem na comunidade uma rádio e um jornal que, com a internet gratuita, poderão se expandir. O rádio e a TV são os meios mais utilizados (71%), enquanto 20% dos moradores leem jornal e acessam a internet. Os coordenadores do projeto

Marinilza na avaliação de comunidade carente

IPTR avaliam que o uso do computador irá crescer se ações de capacitação e de apoio a pequenos empreendimentos forem associadas ao projeto Avenida Brasil Digital. Metade da comunidade possui computador em casa, enquanto outros acessam a internet na escola e na associação de moradores.

No item educação, o nível de escolaridade é razoável, variando entre ensino médio completo e ensino fundamental completo e incompleto. Apenas 2% possuem nível superior. A pesquisa mostrou, porém, que 30% dos entrevistados demonstram interesse em cursos de capacitação e de orientação profissional. Desse total, 71% demonstraram interesse em culinária, 63% em informática, 55% em construção civil, 46% em corte e costura, 45% em emprego doméstico e 40% em cursos de manicure e cabeleireiro.

Em relação à participação social, menos de 10% frequentam curso de ação social e geração de renda, 24% participam de grupos comunitários, menos de 15% recebem Bolsa Família e mais de 70% não recebem nenhum tipo de auxílio do governo. Quanto à saúde, 27% apresentam problemas de saúde e 14% necessitam de cuidados especiais. Segundo a professora Marinilza Bruno de Carvalho, outro ponto interessante da pesquisa é que não foi encontrada nenhuma grávida durante as entrevistas.

Metodologia

Os contatos da UERJ com a comunidade da Maré começaram em 2009, quando os professores Marinilza de

SÍNTESE DA METODOLOGIA A3 UTILIZADA

Princípios básicos:

Princípio 1 – Ser uma proposta metodológica de Orientação e Apoio ao Processo Avaliativo

Princípio 2 – Apresentar a Avaliação na dimensão de Aprimoramento e Transformação

FASES DA METODOLOGIA A3

Fase 1 – Definição dos Pressupostos

Fase 2 – Identificação dos Fatores de Relevância

Fase 3 – Identificação dos Fatores Críticos

Fase 4 – Elementos Operacionais e Construção de Indicadores: da Avaliação; do Objeto em Foco (Projeto, Programa e Instituição); do Processo

Carvalho e Antonio Ritto iniciaram a coordenação do projeto Avenida Brasil Digital. “Elaboramos um projeto e enviamos para a Faperj mas, infelizmente, não foi aceito. Tempos depois encontrei a superintendente de Educação Ambiental da Secretaria de Meio Ambiente do Estado do Rio de Janeiro, Lara Moutinho da Costa, conversamos sobre o Avenida Brasil Digital e no final de 2010 fomos informados de que havia verba para custear bolsistas e viabilizar a realização do estudo”, conta a professora.

A metodologia A3 (ver box acima) foi utilizada na avaliação e na construção dos indicadores. O IPTR passa por seis fases ou ciclos, realizadas em três células. A célula um consiste na orientação profissional sob a ótica da diversidade e da inovação, na conquista de novos caminhos, no trabalho em rede, na economia solidária, no uso das tecnologias e na importância da educação; a célula dois tem por objetivo integrar

as manifestações coletadas e observadas para fazer as devidas intervenções com base nas tecnologias sociais; a célula três é responsável pela análise dos resultados e pelo aprimoramento do processo, além da documentação e da divulgação dos resultados. O projeto também utiliza o método DIA – diagnóstico, intervenção e avaliação – que consiste em um processo repetitivo no qual a entrada de cada ciclo é a saída do anterior, a fim de gerar um resultado aprimorado e crescente: “Não é possível melhorar se não avaliar, inovar se não houver empreendedor”, explica a professora Marinilza.

Depois da aplicação do questionário e da compilação dos dados começa a fase dois, de capacitação por vocação, baseada na escolha das áreas de interesse dos entrevistados. A UERJ ficou responsável por oferecer curso de informática aos moradores e a Superintendência de Educação Ambiental pelo pagamento

dos professores e pela publicação do livro *IPTR – Indicadores de Inovação, Prospecção e Renda*, com os resultados do trabalho de pesquisa. Até agora foram formadas quatro turmas de montagem e manutenção de computador, com 60 alunos capacitados em um ano.

Para a fase três está prevista uma ação de metarreciclagem, com a instalação de uma oficina de coleta de resíduos tecnológicos para: catalogar as peças dos equipamentos, avaliar seu reuso e metarreciclar (processo de mineração e negociação das substâncias resultantes das peças não utilizadas). Também faz parte do projeto um curso de gestão, empreendedorismo individual, cooperativismo e/ou emprego formal. “O IPTR é um projeto de intervenção e inovação. Ficamos satisfeitos em dizer que é uma metodologia de avaliação de tecnologia social de inovação comprovada que dá resultados”, resume Marinilza, adiantando que a UERJ já foi procurada por comunidades da Mangueira, de Santa Teresa e dos Tabajaras: “Este não é um projeto caro. Pagamos os bolsistas, a edição do livro, que é uma prestação de contas para a comunidade, e os professores. Se houver recurso, daremos continuidade em 2013. A Secretaria Municipal de Desenvolvimento se interessou em aplicar o modelo de avaliação em outras comunidades.” Além dos professores, o projeto teve a participação de cinco bolsistas do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (Pibic UERJ) e do Cetreina e também de doutorandos em Meio Ambiente.

DEPARTAMENTO DE INOVAÇÃO

Criado no dia 16 de maio de 2012, o InovUERJ está vinculado à Sub-reitoria de Pós-graduação e Pesquisa (SR2). Entre os números que apontam o progresso da área de inovação na Universidade, desde maio de 2012, podem ser citados: 13 patentes depositadas, dez solicitações em andamento, uma transferência de tecnologia, três depósitos internacionais via PCT (Tratado de Cooperação em Matéria de Patentes ou *Patent Cooperation Treaty* em inglês), 26 marcas registradas, dez marcas concedidas, quatro indexadores ISSN, três indexadores ISBN, um direito autoral concedido e um em andamento e cinco programas de computador registrados.

A missão do Departamento de Inovação é articular e promover a inovação tecnológica entre setores da acade-



mia e da sociedade. Integram o InovUERJ o Escritório de Patentes, o Observatório de Inovação e o Escritório de Projetos. O Escritório de Patentes tem entre as suas atribuições o mapeamento de unidades potenciais para o de-

envolvimento de tecnologia e inovação, a elaboração de cláusulas de propriedade intelectual e a orientação, elaboração e acompanhamento de procedimentos de proteção, negociação e transferência de tecnologia. O Observatório de Inovação é responsável pelo desenvolvimento de atividades de integração com as tecnologias, pela capacitação e publicação dos resultados de proteção, pela transferência e busca de informação e pelo apoio aos pesquisadores na busca de informações nos bancos de patentes. O Escritório de Projetos é responsável pela identificação de projetos de inovação na UERJ e pela promoção do intercâmbio entre incubadoras, empresas juniores e parques tecnológicos da Universidade com a sociedade.

Pesquisa sobre juventude do Rio de Janeiro revela problemas estruturais brasileiros

A informação de que cerca de um quinto dos jovens brasileiros entre 18 e 25 anos não estuda e não trabalha, a chamada *geração dos nem-nem*, recebeu destaque na imprensa devido ao problema social que representa. Tomando como referência dados do Censo de 2010 do IBGE, o percentual de jovens nessa situação (19,5%), equivale a 5,3 milhões da população brasileira e está diretamente ligado à estrutura social do país. Uma das pesquisas que trabalham com esse assunto é a intitulada "Juventude, desigualdade e o futuro do Rio de Janeiro", desenvolvida no Instituto de Estudos Sociais e Políticos (IESP-UERJ), com financiamento da Faperj e do CNPq. Tem como objetivo fazer uma análise das várias dimensões da experiência juvenil no estado, em um período de três anos.

O professor e pesquisador do IESP-UERJ Adalberto Cardoso, coordenador do projeto, explica que o trabalho inclui elementos como cultura juvenil, violência urbana, mercado de trabalho e desempenho escolar: "a *geração dos nem-nem* é uma parte pequena do estudo, mas teve repercussão devido ao alarmante quadro social que apresenta". Embora o estudo esteja focado na região fluminense, a análise dessa geração se refere a todo o território nacional. A partir das evidências coletadas é possível perceber que, dentre os vários fatores que resultam na situação *nem-nem*, se trata de um fenômeno associado principalmente a questões de gênero, cor, classe social e região. As causas apontadas pela pesquisa que levam os jovens de 18 a 25 anos a não trabalhar nem estudar abrangem desde a biografia familiar ou pessoal e as consideradas fases de transição (migração, casamento, recuperação de alguma doença) até problemas envolvendo baixa qualificação, resultado de estudo deficiente, abandono de escola e não aceitação de determinados serviços.

A pesquisa verificou que há maior concentração de jovens nessa situação em locais menos desenvolvidos e com origem em famílias com poucos recursos. A incidência é maior nas regiões Norte e Nordeste que no Sul e Sudeste. Em termos nacionais, 40% das famílias mais pobres concentram 70% dos jovens

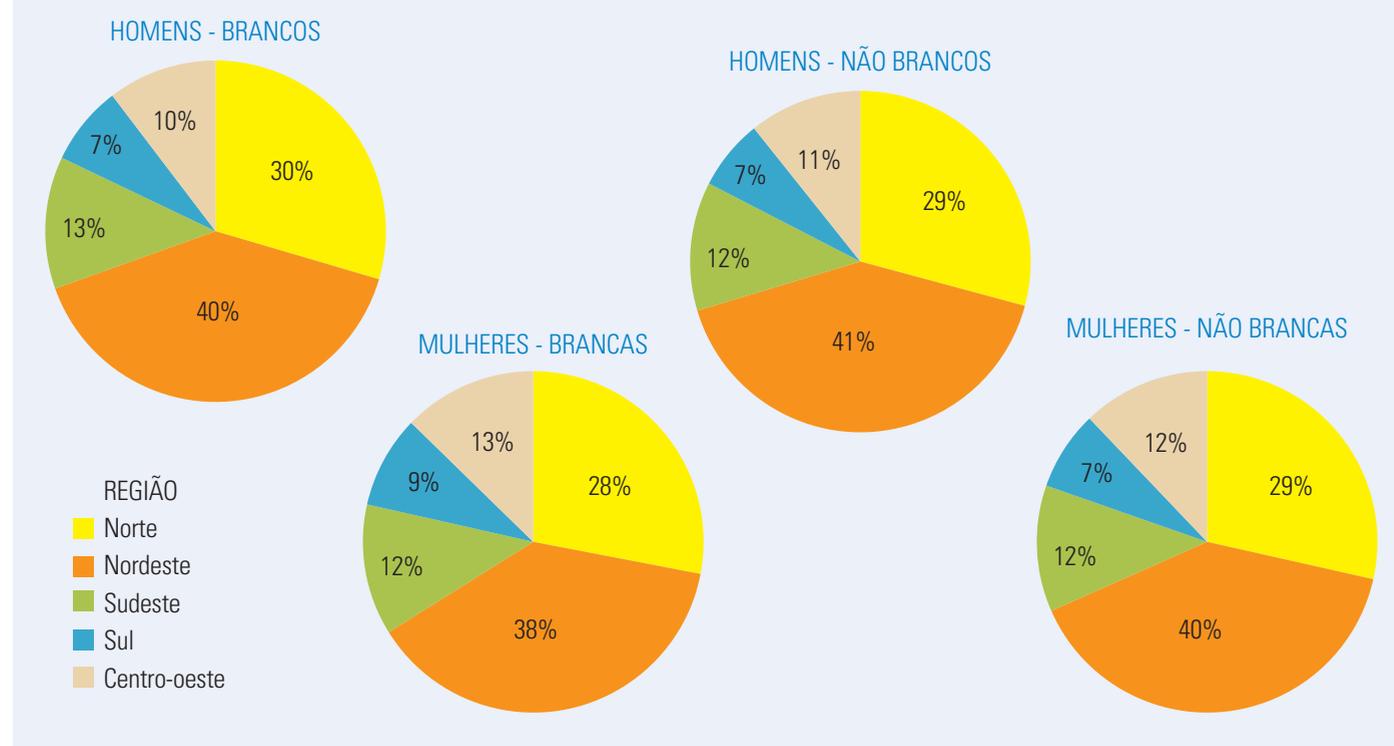
na situação *nem-nem*. O número de mulheres e de negros vivendo dessa maneira também é maior: "Dois terços desse percentual que não estuda nem trabalha são mulheres – e, entre as mulheres negras, 30% fazem parte da *geração nem-nem*, enquanto entre mulheres brancas o percentual é de 22%", diz o professor do IESP. No caso das mulheres em geral,

ele acrescenta que a falta de planejamento familiar pode ocasionar casamento e gravidez precoces.

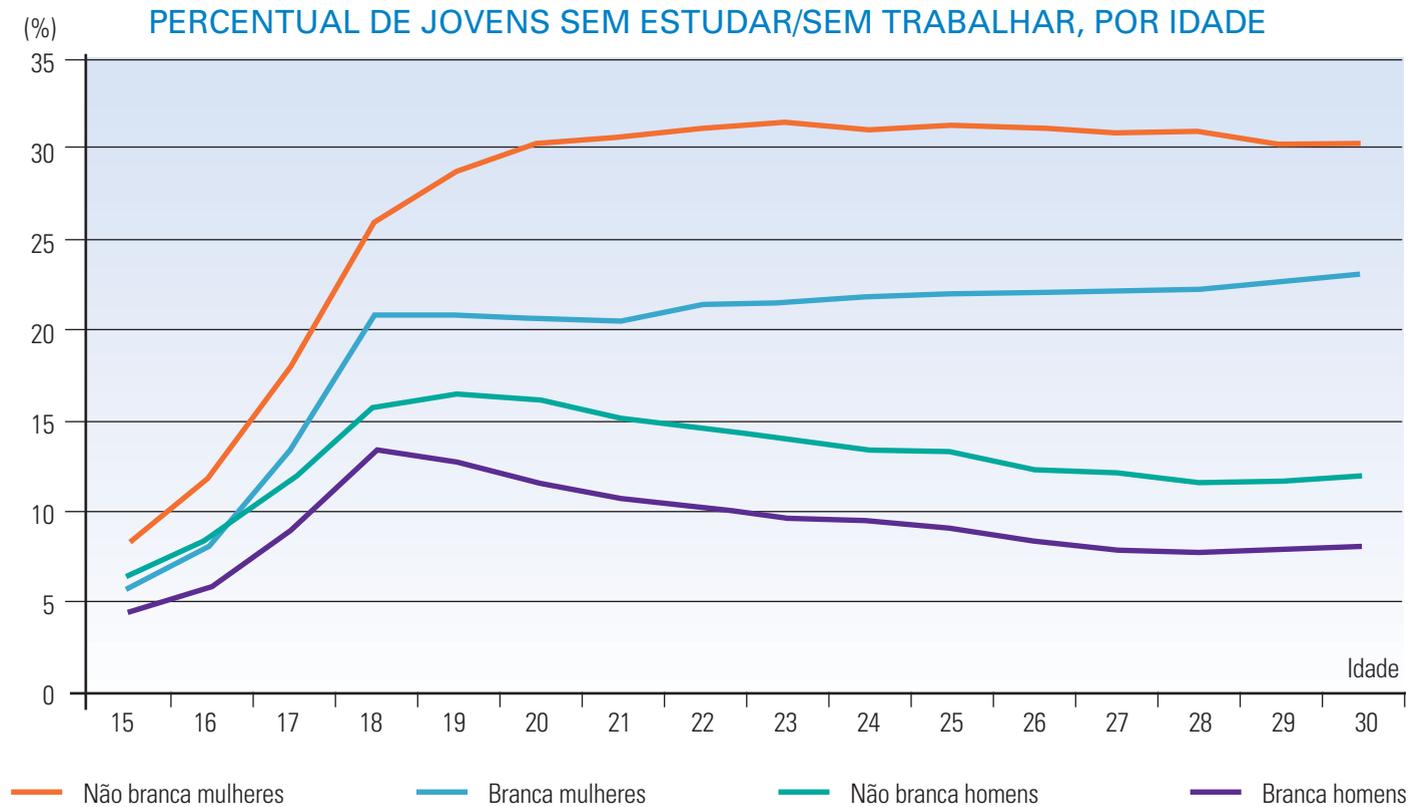
O que realmente impressiona, na opinião do professor Adalberto, é a constância dessa situação no Brasil, registrada nos levantamentos do Censo em vários anos. Se por um lado o país apresenta crescimento acelerado e redução na taxa

de desemprego ao longo dos anos, por outro lado, paradoxalmente, tem sido mínima a variação, em quase 20 anos, no índice de jovens não inseridos no mercado de trabalho nem na educação formal. A proporção de 19,5% no Censo de 2010 pouco difere dos 18% do Censo de 2000, que por sua vez é bastante semelhante aos percentuais do Censo de 1991.

JOVENS ENTRE 15-29 ANOS SEM ESTUDAR/SEM TRABALHAR, POR REGIÃO



PERCENTUAL DE JOVENS SEM ESTUDAR/SEM TRABALHAR, POR IDADE



Para Adalberto Cardoso os dados mostram que se trata de um problema que passa de geração a geração, sendo assim uma questão estrutural que, apesar de importante, não tem sido contemplada com ações específicas, direcionadas. Em sua opinião, “esses jovens estão desamparados. As políticas de redistribuição de renda não atingem essa parcela da população. Essas pessoas vão levar consigo este momento atual – o que contribui para manter a desigualdade e torna a sociedade brasileira muito resistente a melhorias”. Sem buscar soluções fáceis, a pesquisa “Juventude, Desigualdade e o Futuro do Rio de Janeiro” se concentra na identificação do problema, em suas implicações e no que pode estar por trás dele. Para o seu coordenador, divulgar intensamente essa informação para chamar a atenção dos agentes públicos para o problema é um expediente importante.

Equipe e resultados

Com término previsto para agosto de 2013, esse projeto da UERJ reúne mestrandos e doutorandos de outras instituições de ensino, fruto de parceria com as universidades Federal Fluminense (UFF) e Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e Universidade Estadual do Norte Fluminense (UENF). Além de trabalhar as muitas dimensões da realidade dos jovens do Rio de Janeiro, estão em andamento no projeto comparações dos resultados do Brasil com outros sete países: Argentina, Chile, França, México, Espanha, Itália e Estados Unidos. Usando bancos de dados nacionais, o professor Adalberto adianta que, no que se refere à *geração nem-nem*, na Espanha a taxa é ainda maior, mas por razões diferentes: “O Brasil tem uma proporção estrutural de *nem-nem*, a Espanha está em uma situação de crise. Há pessoas que terminaram o ensino superior, mas não conseguem emprego”.

O estudo já conseguiu apresentar resultados, entre os quais publicações, participações em seminários internacionais e divulgação de levantamentos parciais na imprensa. A expectativa é que, mesmo depois de concluída, os resultados finais da pesquisa reverberem junto à sociedade durante algum tempo e que ela possa contribuir, de fato, para mudar a situação adversa em que se encontra um percentual significativo dos jovens do estado do Rio de Janeiro e do Brasil, que representam em última instância o futuro do país.

Simpósio debate tempo, sua relação com o homem e suas subjetividades

Com citações de Santo Agostinho “o tempo é a coisa mais fácil de compreender e a mais difícil de definir” e de Machado de Assis “matamos o tempo, o tempo nos enterra”, em Memórias Póstumas de Brás Cuba, o diplomata, ensaísta e membro da Academia Brasileira de Letras Sérgio Paulo Rouanet fez a conferência de abertura do *Simpósio Internacional Tempo e Subjetividades – Perspectivas Plurais*. Realizado entre 3 e 5 de outubro no campus Maracanã, o encontro reuniu psicólogos e intelectuais brasileiros e estrangeiros interessados em discutir o tempo e sua relação com o homem.

O professor Jorge Coelho Soares, um dos coordenadores do Simpósio, explicou a importância do tema afirmando que a noção de tempo causa estranheza e desafia o pensar: “O tempo é a grande noção fundante de sentido em nossa existência. Permite várias aproximações teóricas e é objeto de interesse comum a todas as áreas do saber, da Física à Psicologia. Através do tempo construímos nossa existência, do nascimento até a sua anulação”.



Sergio Paulo Rouanet na UERJ

Esse tempo moldando a existência foi um dos pontos mencionados na conferência de abertura. Intitulada “As três figuras do tempo”, Rouanet analisou a relação entre o tempo natural (da natureza) e o do homem, subdividido entre psicológico e social. “O tempo social é a temporalidade própria da

sociedade em um momento específico de sua história. No passado é esfera da vida já vivida, onde se deposita as experiências históricas significativas. No futuro é esfera da vida ainda não vivida, terra prometida. E no presente é o que sobrou daqueles dois territórios temporais; o de ontem onde o tempo é memória; e o de amanhã onde o tempo é esperança”, descreveu.

O Simpósio debateu também o sentimento atual de aceleração do tempo: “Essa sensação sentida por muitos de nós faz parte da maneira como lidamos com ele, individual e coletivamente, que termina por estruturar nossa vida e o que decidimos ser no mundo”, explicou o professor Jorge Soares.

O evento foi promovido pelo Programa de Pós-graduação em Psicologia Social da UERJ em parceria com o Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal do Ceará. Os participantes que desejarem receber certificado devem encaminhar e-mail para <tempo subjetividades@gmail.com> até o dia 20 de outubro colocando no assunto da mensagem “certificado”.

Alunos são premiados em maratona nacional de Engenharia

Dois alunos do curso de engenharia mecânica do campus regional da UERJ em Nova Friburgo, Eduardo Asth e Ítalo Lopes, ficaram em segundo lugar na Maratona Nacional Chemtech de Engenharia. O evento aconteceu no Rio de Janeiro, durante a Rio Oil & Gas Expo and Conference da América Latina realizada no Rio-centro. Os alunos da UERJ enfrentaram uma competição difícil, que começou com 290 concorrentes – dez de cada uma das 29 universidades inscritas na competição.

A prova final, no dia 19 de setembro, apresentou algumas surpresas: os finalistas tiveram que projetar uma plataforma de petróleo no simulador Oil and Gas Manager (OMG) e se preparar para a apresentação oral da prova, em inglês, para a banca julgadora. No momento da prova, porém,

a banca – formada por engenheiros que acompanharam os alunos desde o início do desafio e especialistas da área – anunciou que a apresentação oral tinha sido alterada e os alunos teriam que expor seus projetos para todo o público da Conferência, com imagens em um telão. O susto foi amenizado pela possibilidade de apresentação em português. Ítalo Lopes conta que essa foi a fase mais difícil, porque foi preciso “lidar com situações diferentes, com as quais não estávamos acostumados – como apresentar o trabalho para o CEO da Chemtech, diretores e gerentes de outras grandes empresas. A todo momento tivemos que controlar o nervosismo e a ansiedade, inevitáveis na decisão de uma competição”. Eduardo e Ítalo tiveram o apoio dos professores Marco Van Hombeek e

Francisco Moura Neto, do Instituto Politécnico em Nova Friburgo (IPRJ), André Luiz Hemerly Costa, do Instituto de Química, e de Vera Lúcia Saboya, outra professora do IPRJ que acompanhou e ajudou os alunos na fase final da maratona.

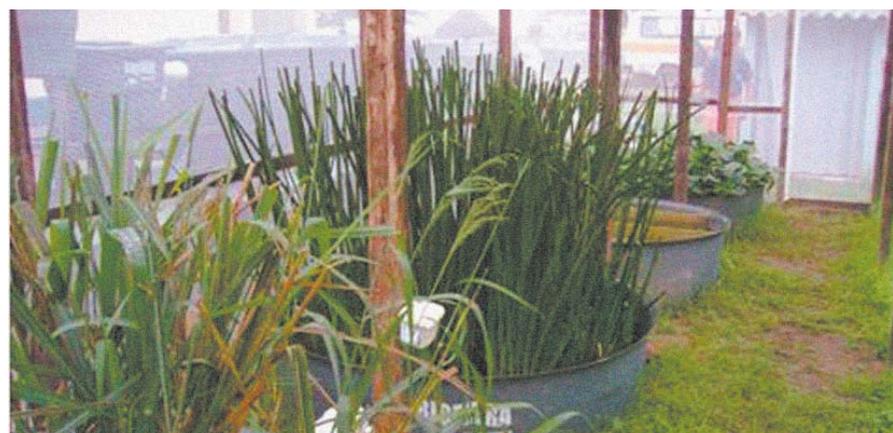
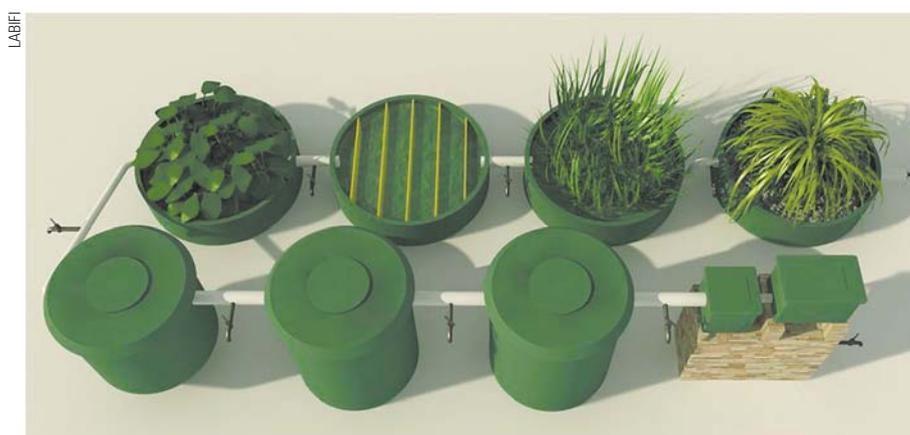
Os vencedores foram premiados com iPads, iPods e Notebooks. O prêmio mais cobiçado, porém, independe do pódio: “A maratona também é um processo seletivo. Finalizada a disputa, a empresa convida estudantes para fazer parte da equipe”, explica Alice Nunes, analista de RH da empresa patrocinadora, que acompanhou o evento e traçou o perfil dos maratonistas. Para ela, “os estudantes têm em comum o gosto por novos aprendizados, perseverança e espírito de equipe, além de demonstrarem talento para a engenharia”.

Lixo que é Luxo: projeto conjunto entre UERJ e UFRJ

A Sub-reitoria de Pós-graduação e Pesquisa (SR-2) está mediando junto ao governo do estado, por meio da Secretaria de Estado de Desenvolvimento Econômico, Energia, Indústria e Serviços (SEDEIS), os projetos da Universidade inseridos no Programa Rio Capital da Energia. A primeira etapa do processo, segundo o professor Luis da Mota, assessor da SR-2, foi “convocar a comunidade da UERJ, que reagiu prontamente ao apresentar projetos na área de interesse do Programa”. Os trabalhos selecionados foram avaliados por sua pertinência, “formatados” e apresentados à SEDEIS para serem inseridos no portal do Programa, em <www.riocapitaldaenergia.rj.gov.br>.

O projeto “Lixo que é Luxo: Energia renovável a partir da fração orgânica dos resíduos sólidos urbanos da cidade do Rio de Janeiro” está sendo desenvolvido em parceria com a Universidade Federal do Rio de Janeiro. O Grupo de Pesquisa Bio-Process, do Departamento de Engenharia Ambiental, da Faculdade de Engenharia (DESMA-FEN) da UERJ, liderado pela professora Marcia Marques, é responsável pelos estudos laboratoriais em escala piloto e conta com a participação de alunos da pós-graduação e de iniciação científica das duas universidades, conduzidos no Laboratório de Biorremediação e Fitotecnologias (LABIFI DESMA-FEN/UERJ). Os estudos de campo, incluindo os aterros sanitários, serão coordenados pelo Grupo de Estudo em Tratamento de Resíduos Sólidos do Instituto Alberto Luiz Coimbra de Pós-Graduação e Pesquisa de Engenharia (GETRES-COPPE) da UFRJ, liderado pelo professor Claudio Mahler, e também terá a participação de alunos das duas universidades.

O projeto pretende avaliar o potencial de geração de biogás (metano) a partir da digestão anaeróbia da fração orgânica dos resíduos sólidos urbanos gerados na cidade do Rio de Janeiro; identificar áreas urbanas com potencial para sediar unidade de demonstração; realizar experimentos laboratoriais em reatores piloto para o aperfeiçoamento dos processos anaeróbios em condições brasileiras; investigar dentre as bases tecnológi-



cas existentes e em desenvolvimento aquelas que apresentam maior potencial para implantação no Rio; realizar estudo de viabilidade técnico-econômica-ambiental com abordagem de Avaliação do Ciclo de Vida (LCA). Para a professora Marcia Marques o projeto, que se refere à Lei Nacional 12.305, de 2010, reafirma a Política Nacional de Resíduos Sólidos ao promover a coleta seletiva e a reciclagem nos municípios brasileiros. A Lei estabelece como meta a desativação de todos os lixões do país até 2014. Marcia explica que “a mesma lei menciona apenas superficialmente o potencial energético dos resíduos sólidos urbanos (RSU), particularmente da fração orgânica. Nesse contexto, a lei pouco contribui para mudar a percepção generalizada de que os resíduos orgânicos não possuem relevância econômica e que o seu melhor destino é a disposição em aterros”.

A União Europeia, via seu Conselho Diretor (*Council Directive - 1999/31/EC*), estabeleceu a obrigatoriedade de

tratamento dos resíduos biodegradáveis antes da sua disposição final, com ênfase nas diferentes tecnologias que promovem a recuperação energética dos mesmos. No Brasil, alguns aspectos aumentam a importância do tema, entre os quais a limitação física para a implantação de novos aterros sanitários em distâncias aceitáveis dos grandes centros geradores; o potencial energético da fração orgânica, que representa aproximadamente 50% dos resíduos; a redução das emissões de gases efeito estufa alcançada com a digestão anaeróbia da fração orgânica, desde que haja utilização do gás metano gerado; o valor do metano como fonte de energia e na produção de metanol, olefinas, etc. A Professora acrescenta ainda que “tendo em vista a relevância do Rio de Janeiro para a Copa do Mundo em 2014 e os Jogos Olímpicos em 2016 está configurado o cenário ideal para a implantação de unidades de demonstração tecnológica com foco em todos os aspectos da sustentabilidade – econômicos, ambientais e sociais.”



Recentemente, o projeto coordenado pelo professor Claudio Mahler foi aprovado no edital PENZA-RIO 2012, da Faperj, que estimula a realização de pesquisas multidisciplinares e abrangentes em áreas relevantes e estratégicas para o estado do Rio de Janeiro com base em recursos da ordem de R\$ 480 mil. As atividades do projeto “Lixo que é Luxo” incluem ainda: visitas a instalações em escala real e contato com projetos de pesquisa na Alemanha e na Suécia; identificação de distritos, de coleta e de sistemas de tratamento com potencial para sediar unidades de geração de biogás; experimentos laboratoriais com reatores de bancada para otimização dos processos anaeróbios; e levantamento das soluções tecnológicas com maior potencial para desenvolvimento e implantação na cidade do Rio de Janeiro.

A exposição do projeto no portal do programa Rio Capital da Energia chamou a atenção da Deutsche Gesellschaft für Internationale Zusammenarbeit – GIZ-GmbH (Sociedade Alemã para a Cooperação Internacional) que, em visita recente à Universidade, manifestou interesse de conhecer melhor o projeto. A parceria com a GIZ-GmbH pode resultar em apoio técnico em troca de experiências na área energética dos dois países com a organização, por exemplo, de um curso na UERJ com a presença de pesquisadores estrangeiros. “Este tipo de colaboração científica”, afirma o professor Mota, “está previsto na parceria, assim como a formação do nosso pessoal na Alemanha”. Ele diz também que o projeto é um meio importante para a troca de conhecimento e de informação no campo das novas formas energéticas ao funcionar como uma via de mão dupla: “Nosso laboratório tem interesse em conhecer algumas das soluções que a Alemanha aplica. O tratamento de detritos sólidos tem diversas especificidades e nível de toxicidade e algumas das técnicas utilizadas seriam apreendidas por nós e também por eles, já que algumas das nossas soluções também podem ser adaptadas por eles. Como em todo o processo científico, o trabalho conjunto permite que novas ideias surjam em benefício de ambas as partes”.

Estrangeiros aprendem português no Instituto de Letras

O Núcleo de Pesquisa e Ensino de Português como Língua Estrangeira e Segunda Língua (Nupples), do Instituto de Letras, oferece desde 2010 atividades de ensino e formação em Português para Estrangeiros para graduandos e pós-graduandos em Letras. O projeto, em parceria com o Programa Licom (Línguas para a Comunidade), está voltado para os alunos de intercâmbio da Universidade e também para estrangeiros residentes no Brasil.

Coordenador e criador do Nupples, o professor Alexandre do Amaral Ribeiro, do Departamento de Língua Portuguesa, Literatura Portuguesa e Filologia, conta que existia interesse em oferecer o curso, e o fato de ter sido procurado, em 2009, por uma aluna de especialização em Língua Portuguesa que queria fazer seu trabalho de conclusão de curso sobre o ensino do português para estrangeiros foi determinante: “A partir daí formulei o projeto, que previa a possibilidade de oferecer aos alunos de graduação uma oportunidade de estudo do ensino do português, não apenas como língua materna, mas também como segunda língua”.

As aulas de Português como Segunda Língua para Estrangeiros (PL2E) são em português, sob a responsabilidade de bolsistas de Iniciação à Docência. O curso, com duração de dois anos, está estruturado em quatro níveis. São cerca de 20 alunos por turma, a maioria de língua espanhola. Os demais são italianos, gregos, israelenses, egípcios, marroquinos, americanos e turcos, entre outras nacionalidades. O professor explica que, para eles, o português é considerado uma segunda língua porque estão imersos nela, utilizando-a diariamente para um objetivo específico, diferente se estivessem estudando em seu país de origem. Durante as aulas os estudantes aprendem também um pouco da cultura brasileira: “Não basta ensinar a língua isoladamente, pois ela não é dissociada da cultura local. É importante saber, por exemplo, o que é ofensivo ou não dizer no Brasil”.

Alexandre Ribeiro supervisiona todas as aulas e as prepara em conjunto com os bolsistas, abordando diferentes teorias de ensino de línguas para estrangeiros de forma a lidar com a diversidade de alunos. A própria equipe desenvolve



ANDRÉIA RÉGO

o material didático a ser utilizado e promove eventos para consolidar a inserção da UERJ na área. O professor acrescenta que o Núcleo também é importante devido ao processo de internacionalização da UERJ: “Como não é cobrada proficiência prévia dos intercambistas, é por meio desse projeto que a Universidade pode recebê-los. Alguns já estudaram português antes, outros não. Sem o curso eles não têm condições de assistir às aulas”. Segundo o pesquisador, as dificuldades com o português variam conforme a língua materna. Para os falantes de espanhol, por exemplo, não há diferença entre “ó” e “ô”, o que faz com que “avó” e “avô” pareçam ter a mesma pronúncia. Já para os asiáticos a dificuldade maior pode estar na ordem das palavras na frase ou no uso de artigos.

O número de estrangeiros interessados em aprender português do Brasil está aumentando. Em 2000, o Ministério da Educação recebeu aproximadamente mil inscrições para o Certificado de Proficiência em Língua Portuguesa para Estrangeiros (Celpe-Bras). Em 2011, esse número chegou a quase sete mil. Na opinião de Alexandre Ribeiro, o aumento da procura se deve tanto pela proximidade

da Copa do Mundo e das Olimpíadas como pela disseminação da cultura brasileira no mundo e à atual posição do Brasil na conjuntura internacional.

Aos alunos do curso regular é oferecido gratuitamente o curso de produção textual. O Departamento oferece também um curso de extensão para o aperfeiçoamento de professores de português para estrangeiros. A ideia é preparar futuros profissionais e bolsistas em potencial para assumir as bolsas com certa experiência no assunto. Com o aumento do interesse, o Departamento de Língua Portuguesa passou a oferecer uma disciplina eletiva de português para estrangeiros.

Olhar estrangeiro

O professor conta que a receptividade dos alunos é muito boa: “Eles vêm com uma ideia de ensino de língua com metodologias voltadas para a repetição. Alguns têm receio de entrar no nível 2 (há uma prova de nivelamento), mas com as aulas mudam de opinião e se tornam mais confiantes”.

O espanhol José Antonio Torres está no Brasil há quatro meses e é aluno do curso de Biologia. “O Rio de Janeiro é o

lugar com maior biodiversidade na área que estou estudando, que é ornitologia”, justifica. Veio para o Brasil sem saber a língua e diz que a maior dificuldade é a diferença entre os sons das letras “s” e “z”, que em espanhol são iguais.

A suíça Karin Kryenbühl já veio ao Brasil outras três vezes, para passear e fazer trabalho voluntário. Há dois meses no Rio de Janeiro, a viagem agora tem como finalidade o estudo da língua portuguesa. “Estou gostando muito do curso. Saber o espanhol me ajudou no aprendizado do português, mas também torna difícil porque a pronúncia é diferente”, diz a estudante, que deve retornar à Suíça em fevereiro de 2013.

Vinda de Barcelona, Laura Gonzalez Sainz veio para o Brasil acompanhando o namorado, que estuda na UFRJ. Ela conta que pediu licença no trabalho e aproveitou a temporada no Rio de Janeiro para aprender dança afro. Formada em Ciências Ambientais, ela aponta como mais difícil no aprendizado do idioma o fato de a escrita ser diferente da pronúncia. “Procuro ouvir música acompanhando a letra, prestando atenção nas gírias. Como sou professora de espanhol, gosto de refletir sobre a língua”, finaliza.

Articulação conjunta de incubadoras traz bons resultados para a Universidade

As incubadoras de empresas da UERJ têm o que comemorar em 2012: em setembro, o projeto intitulado “Dinamização da Incubadora de Empresas Sul Fluminense da UERJ”, do professor do *campus* regional de Resende, Henrique Martins Rocha, recebeu verbas do edital Faperj de Apoio a Incubadoras de Empresas de Base Tecnológica (nº 25/2012); em junho, o projeto “Oficina de Plano de Negócios – da bancada de pesquisa para o mercado”, do professor André Ribeiro de Oliveira, do departamento de Engenharia Industrial, conquistou recursos do edital Faperj nº 14/2012, de Programa de

Apoio a Projetos de Extensão e Pesquisa; e, em abril, a aprovação no edital Sebrae/ Anprotec-CERNE nº 01/2011 trouxe recursos para as incubadoras de empresas que se enquadrem no modelo CERNE – Centro de Referência para Novos Empreendimentos, da Associação Nacional de Entidades Promotoras de Empreendimentos Inovadores. Essas conquistas conduzem a Universidade a outro patamar no contexto do movimento de incubadoras brasileiras: a Instituição passa a ser referência na área. Com isso, a experiência mais antiga da UERJ, a Incubadora de Empresas de Base Tecnológica (IEBTEC) sedia-

da no Instituto Politécnico, *campus* regional de Nova Friburgo (IPRJ), passa a ser uma unidade-âncora, ou seja: com autonomia de orientar outras incubadoras no Brasil.

Os acontecimentos listados explicam o sucesso de um movimento abrangente por parte das incubadoras de empresas da UERJ, baseado na adesão de todas para progredirem simultaneamente e desenvolverem juntas os seus respectivos projetos. A IEBTEC, a Phoenix (Faculdade de Engenharia), a Design (Escola Superior de Desenho Industrial) e a Sul Fluminense (*campus* regional de Resende) se articulam há cinco anos para que,

a partir do trabalho conjunto, aumentem a eficácia de seus resultados e contribuam para a concretização dos projetos gerados por cada uma. O movimento teve início em 2007, com a necessidade de espaço físico para que cinco professores pudessem dar cursos e palestras sobre inovação e negócios empreendedores e também pela urgência na organização de uma plataforma de gestão de empresas tecnológicas originadas em projetos desenvolvidos por grupos de pesquisa na Universidade, os chamados *spin-offs* acadêmicos.

Nesse contexto surgiu o Laboratório de Inovação e

Empreendedorismo (LIE). Convidada na ocasião para coordenar e inscrever o projeto em editais, a professora Branca Terra, da Faculdade de Administração e Finanças (FAF), recebeu como contrapartida a instalação do Laboratório na Faculdade. Em seguida, as incubadoras conquistaram R\$ 80 mil dos R\$ 220 mil solicitados em um edital de apoio às universidades estaduais. Segundo a professora Dilza Tomás, gerente da Incubadora de Empresas Sul-Fluminense, “em 2008 as incubadoras estaduais não tinham estrutura para garantir que poderiam fazer um trabalho de acordo com a missão determinada em cada caso”.

PROJETOS VINCULADOS AO LABORATÓRIO DE INOVAÇÃO E EMPREENDEDORISMO

Orgão de Fomento	Identificação do Projeto	Título do Projeto	Coordenador do Projeto Unidade
CNPq	Grupo de Pesquisa	Grupo de Pesquisa Inovação e Sociedade	Branca Regina Cantisano dos Santos e Silva Riscado Faculdade de Administração e Finanças
FAPERJ	Projeto FAPERJ	Oficina de Plano de Negócios - da bancada de pesquisa para o mercado	André Ribeiro Faculdade de Engenharia
FAPERJ	Projeto FAPERJ	Proposta de Disseminação da Cultura Empreendedora em Atendimento ao Projeto "Programa Incentivo ao Empreendedorismo e Inovação mobilizado pelo Programa de Incubação do Campus Regional UERJ Resende - Incubação do Campus Regional UERJ Resende - CRR	Alzira Ramalho Pinheiro Assumpção Faculdade de Tecnologia
FAPERJ	Projeto FAPERJ Edital 18_2010	Apoio ao desenvolvimento de Incubadoras integrantes do Programa de Pré-incubação, incubação e Pós-incubação da Rede de incubadoras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ, como incremento sócio-econômico das regiões onde estão localizadas	Hélio Pedro Amaral Souto Instituto Politécnico do Rio de Janeiro
SEBRAE	Projeto SEBRAE Edital 01/2011	Incubadora de Empresas de Base Tecnológica - IEBTec	Antonio José da Silva Neto Instituto Politécnico do Rio de Janeiro
UERJ/SR-3	Projeto de Extensão Projeto 4390_2012	Incubadora de Empresas de Base Tecnológica e Setor Tradicional - IEBTST (Sul Fluminense)	Henrique Martins Rocha Faculdade de Tecnologia
UERJ/SR-3	Projeto de Extensão Projeto 4258_2011	Implantação de Práticas de Gestão em Incubadoras de Empresas da UERJ	Alexandre Alvarenga Palmeira Faculdade de Tecnologia
UERJ/SR-3	Projeto de Extensão Projeto 4176_2011	Projeto Incubadora de Empresas Design	Luiz Antonio de Saboya Escola Superior de Desenho Industrial
UERJ/SR-3	Projeto de Extensão Projeto 4150_2011	Incubadoras de Empresas Sul Fluminense - Disseminação de Cultura Empreendedora	Alzira Ramalho Pinheiro Assumpção Faculdade de Tecnologia
UERJ/SR-1	Programa Proiniciar Projeto de inserção em práticas Acadêmicas	Construção de Talento Empreendedor	Branca Regina Cantisano dos Santos e Silva Riscado Faculdade de Administração e Finanças
CNPq	Projeto PIBITI Edital 2011	Programa de incentivo ao Empreendedorismo e Inovação na Região Sul Fluminense	Alzira Ramalho Pinheiro Assumpção Faculdade de Tecnologia
CNPq	Projeto PIBITI Edital 2011	Implantação de Práticas de Gestão em Incubadoras de Empresas da UERJ	Horácio Guimarães Delgado Junior Faculdade de Tecnologia

Do início próspero aos *spin-offs* acadêmicos

Em 2008, um projeto destinado a atender as perspectivas da UERJ no setor conquistou pelo edital Faperj 27/2008, de Apoio a Incubadoras de Empresas de Base Tecnológica no Estado do Rio de Janeiro, a verba de R\$ 720 mil, que serviu para organizar na Universidade as várias etapas do processo de incubação: “Dentro da plataforma do Laboratório de Inovação e Empreendedorismo esse foi o maior projeto até agora. Operou como elemento nucleador e criou linhas e diretrizes de atuação”, explica a professora Branca.

Identificado pela professora como *projeto-mãe*, a “Proposta de Dotação de Infraestrutura de Apoio às Incubadoras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro para Atendimento ao Projeto de Implementação do Programa de Pré-incubação, Incubação e Pós-incubação da Rede de Incubadoras de Empresas” contribuiu para mobilizar as redes de conhecimento na Universidade. Em fase de finalização (termina em dezembro de 2012), a proposta apresenta entre os resultados uma visita técnica de professores e técnicos da UERJ ao Vale do Silício na Califórnia, já realizada, e dois acordos de cooperação: um com fábrica de veículos MAN em Resende e outro, em fase de negociação, com a Universidade do Estado de Nova York (SUNY). A proposta principal gerou 12 projetos (*projetos-filhotes*) que darão continuidade ao projeto inicial (ver tabela ao lado). Entre eles estão os dos professores Henrique Martins Rocha, André Ribeiro de Oliveira e o apoiado pelo edital Sebrae/Anprotec-CERNE citados no início do texto.

Também integra esse grupo o Projeto Prociência, que está mapeando os grupos de pes-

quisa coordenados por professores da UERJ para identificar a possibilidade de criação de empresas *spin-off* junto com as incubadoras. Os *spin-offs* acadêmicos são empreendimentos originados em estudos científicos e desenvolvidos por grupos de pesquisas. Geralmente têm como objetivo explorar inovações tecnológicas, mas podem ou não ter base tecnológica. São exemplos de *spin-offs* acadêmicos empresas como o Google e o Facebook.

Esse tipo de empreendimento, principal foco na rede de incubadoras da UERJ atualmente, está previsto e é incentivado pela Lei de Inovação Tecnológica do governo federal: “São empresas com maior potencial de crescimento, pois têm valor agregado em função do desenvolvimento de conhecimento científico e tecnológico”, explica a professora Branca. Por isso, criar negócios genuinamente brasileiros e com grau de tecnologia vinculado às universidades é de grande relevância para elevar o índice de inovação tecnológica.

Outro resultado recente da união das incubadoras em rede foi o Ato Executivo de Decisão Administrativa (AEDA nº 55) assinado pelo Reitor Ricardo Vieiralves em 19 de outubro de 2012, que transformou em Programa de Extensão o projeto de Pré-incubação, Incubação e Pós-incubação da UERJ e o Laboratório de Inovação e Empreendedorismo. O documento foi comemorado pelos gerentes e coordenadores das incubadoras Raquel Rufino (IEBTEC), Dilza Tomás (Sul Fluminense), Cristina Macedo (Design) e Paulo Roberto Fernandes (Phoenix), porque agora os projetos passaram a integrar o programa de extensão Observatório de Negócios Inovadores da UERJ, o que confere maior autonomia à rede de incubadoras para se articular no espaço acadêmico.

Aprendendo a loucura pela arte cinematográfica

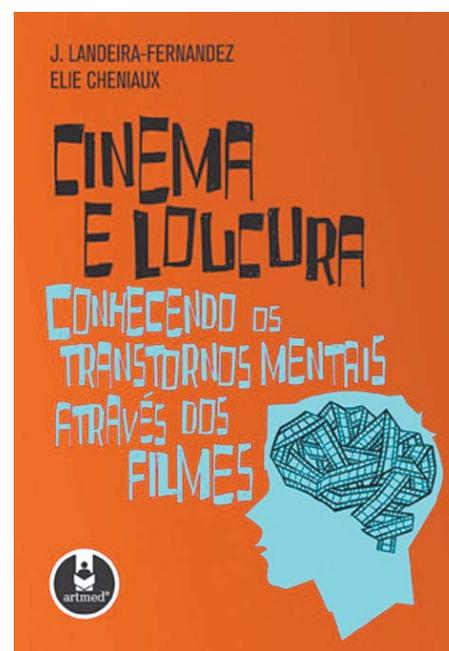
Alguém sabe qual transtorno mental tem Norman Bates, personagem emblemático de *Psicose*, um filme clássico do mestre do horror Alfred Hitchcock? Não vale se deixar enganar pela tradução (ou adaptação) do título no Brasil, que transmite a ideia de que o protagonista sofre de transtorno psicótico – nem mesmo pelo título americano, *Psycho*, diminutivo da expressão *psycho killer*, ou seja: psicopata. Segundo o diagnóstico do professor associado da

Faculdade de Ciências Médicas Elie Cheniaux, Norman se aproxima mais de um paciente que sofre de transtorno dissociativo de identidade, popularmente conhecido como múltipla personalidade.

Ao perceber a atenção dada pelas produções cinematográficas a personagens com distúrbios psicológicos e identificar nisso uma fonte relevante de aprendizado, o psicólogo e professor da PUC-Rio J. Landeira-Fernandez se uniu ao professor Elie Cheniaux para, juntos, escreverem *Cinema e Loucura – conhecendo os transtornos mentais através dos filmes* (Editora Artmed, 2010).

O livro, que está dividido de acordo com cada tipo de transtorno, procura em 184 filmes exemplos dos diferentes distúrbios mentais. Lançado há dois anos com prefácio assinado pelo jornalista Ruy Castro, consumiu dois anos de pesquisas até a sua conclusão. “Alguns filmes tive que ver no cinema, fazendo anotações no escuro da sala. Outras produções só encontramos em VHS”, explica Cheniaux. *O Preço da Perfeição – A História de Ellen Hart Pena*, baseado em fatos verídicos com abordagem da questão da bulimia nervosa, foi um dos filmes encontrados apenas em VHS.

O empenho parece ter valido a pena, principalmente no que se refere à sua utilização pedagógica. Além de elogiado pelos críticos literários e da receptividade de pessoas diferentes em todas as regiões do país – que enviam dicas de filmes para o e-mail oficial do livro – os alunos de Ciências Médicas, em um movimento espontâneo, estão entre os compra-



dores mais frequentes da obra. O texto é reconhecido como uma referência interdisciplinar e uma forma bastante prazerosa de estudar (e aprender a reconhecer) quadros com diagnósticos psicológicos diversos, em especial os casos raros. Segundo o professor Cheniaux, os estudantes encontram nas produções cinematográficas um canal para contato com tipos raros, que não encontram na sua rotina hospitalar e que “difícilmente, encontrarão em algum momento da vida”.

Para que o volume tivesse essa qualidade de referência didática, as obras foram selecionadas com vários questionamentos críticos dos próprios autores. Utilizando critérios como preferência pessoal e êxito nas bilheterias, Cheniaux e Landeira-Fernandez observaram como as produções abordavam os transtornos psíquicos. Muitas vezes verificaram que estavam sendo bastante fidedignos ao diagnóstico – caso de *Farrapo Humano*, filme de Billy Wilder de 1945 que, para o professor da FCM UERJ, trata com precisão o alcoolismo. Mas também reconhecem que se distanciaram bastante da realidade em outros filmes, caso de *Como se Fosse a Primeira Vez*, no qual a atriz Drew Barrymore protagoniza uma jovem que, após sofrer um acidente de carro, padece da chamada Síndrome de Goldfield: “Essa síndrome não existe, não há um Goldfield que tenha dado nome a esse tipo de doença. E o quadro clínico também é inventado”, explica Cheniaux.

Mas no caso do cinema é preciso ser fiel à realidade? Para o professor não há necessidade: “É obra de arte e para tanto tem que atender aos objetivos artísticos ou então financeiros, comerciais”. O importante é que *Cinema e Loucura* atrai grande adesão dos alunos, que passam a debater quadros clínicos das personagens à luz de seus aprendizados. Ao buscar nos distúrbios psicológicos humanos a fonte para seus roteiros, o cinema passou a ser utilizado como ferramenta pedagógica no ensino de algumas disciplinas das Ciências Médicas. Mesmo hipotético em vários exemplos, o volume não deixa de representar uma forma criativa e pertinente de aprender.

Rede de pesquisa de psicanálise debate sua produção em evento internacional

Em torno do tema “Linguagem e escritas do corpo”, pesquisadores de pós-graduação do Brasil e da França, membros da rede de pesquisa Escritas da Experiência, se reuniram na UERJ entre 5 e 6 de novembro no IV Colóquio Internacional Escrita e Psicanálise. O encontro, bienal, é o fórum de debate para as produções e trabalhos realizados no âmbito da Rede. O encontro em novembro aconteceu em conjunto com o IX Simpósio do Programa de Pós-graduação em Psicanálise da UERJ.

O Colóquio abordou questões contemporâneas baseadas na clínica psicanalítica e relacionadas à escrita e à linguagem do corpo, entre as quais estudos sobre a disposição dos adolescentes em fazer tatuagens ou intervenções corporais que não são propriamente estéticas; a utilização do corpo na arte, como a dança; as escritas nos muros das cidades; a psicose e as intervenções causadas pelo psicótico em seu próprio corpo; e a neurose, que pode provocar as chamadas paralisias histéricas – como dificuldade em falar ou cegueira momentânea.

Segundo as professoras do Programa de Pós-graduação em Psicanálise, Ana Costa e Doris Rinaldi, organizadoras do IV Colóquio Internacional, o tema é bastante atual no contexto da psicanálise: “Essa relação do inconsciente com a escrita está presente desde o início da psicanálise, mas só agora as especificidades da clínica e de formações clínicas estão fazendo com que os pesquisadores se voltem para o assunto e produzam trabalhos sobre o campo. É possível verificar os temas que estão em foco, como tatuagens, operações plásticas e mais o que estiver relacionado ao corpo, das bulimias às anorexias”, diz Ana. Para a professora Doris, uma das qualidades do evento é a possibilidade de contribuir para a formação dos alunos de graduação e pós-graduação e para o avanço da pesquisa em psicanálise “que aborde uma série de coisas, não se restringindo aos fenômenos patológicos, mas a questões de sujeitos, de sua relação com o corpo e com a linguagem. O avanço nesse campo faz com que na área se estabeleçam conexões com outros campos de conhecimento, como Matemática, Literatura e Letras”.



A apresentação de dois professores da Universidade de Paris 13, Eric Bidaud e Marie-Anne Paveau, serviu como base para as discussões da primeira mesa-redonda, intitulada *Se escrever, se inscrever, se construir: corpo e adolescência*. O trabalho do professor Bidaud, “Acontecimentos do corpo na adolescência”, versou sobre problemas dos jovens na puberdade – como a dismorfofobia, visão distorcida ou exagerada sobre a própria aparência e a obsessão por características físicas reais ou imaginárias. Segundo o professor, os acontecimentos dismorfofóbicos remetem em sua grande maioria a algo com intuito de produzir desejo: “Essa pesquisa consiste em pensar as formações estéticas na adolescência,

que podem ser tatuagens, penteados, piercing, o uso das roupas e também os movimentos ‘coreografados’ ou o modo como os adolescentes fabricam o próprio andar. Todas as formações estéticas são maneiras de se posicionar em relação ao seu objeto, sem importar que seja homo ou heterossexual”, explica o professor. Ele enfatizou também que nessa fase da vida o sentimento de vergonha é constante: “Uma tatuagem ou um piercing não aparecem por acaso sobre certa parte do corpo: existe uma escolha e uma razão para a localização”.

Na mesma mesa-redonda, Marie-Anne Paveau apresentou o fenômeno da “dedipix”, uma mistura das palavras dedicatória e *pixel* ou *picture*. Com a pes-

quisa “O dedipix nos adolescentes: uma inscrição corporal efêmera e tarifada”, a professora pretende explicar a prática da dedipix como discurso adolescente, observando que não existem trabalhos científicos sobre o tema, apenas textos de especialistas em adolescentes ou material *on-line* que costumam associar a dedipix a satisfação sexual, pedofilia ou perversões. “Quando interrogamos os adolescentes”, diz a professora, “percebemos que estão em busca de conseguir o maior número de comentários na rede. É um erro dizer que o ato sexual está sempre presente”. Ela acredita que a dedipix pode ter relação com o discurso da internet, elaborado para circular exclusivamente *on-line*.

Marie-Anne abordou ainda as práticas de inscrições corporais contemporâneas, que ocorrem hoje em nível mundial e dizem respeito ao uso que as mulheres fazem do corpo como superfície escritural: “eu procuro entender esse discurso feminino atual”. A professora usa como exemplos o grupo feminista ucraniano Femen, que nos seus protestos organizados escreve slogans nos seios e na barriga e o movimento *Battling Bare* (“Lutando nua”, em português), fundado em abril de 2012 por esposas de militares americanos em protesto contra os danos psíquicos da guerra: “Parece que, da dedipix adolescente a esse fenômeno do *Battling Bare*, algo está acontecendo na nossa modernidade com a utilização da internet, que produz uma forma de corpo militante através da escrita”, argumenta a pesquisadora.

O Colóquio organizou em dois dias 10 mesas-redondas que reuniram 30 trabalhos e 11 pôsteres. No total, participaram do colóquio 154 pessoas. Na ocasião também foi lançado o livro *A escrita como experiência de passagem*, organizado pelas professoras Ana Costa e Doris Rinaldi, com a coletânea dos trabalhos do III Colóquio Internacional, sediado pela Universidade de Paris XIII em 2010. A produção da rede, debatida em cada colóquio, é transformada em livro. A publicação com o resultado do encontro deste ano está prevista para daqui a seis meses, segundo as organizadoras.